

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

3



A REVISTA DA BAHIA, principal veículo cultural dos artistas, pensadores e intelectuais baianos, traz no seu segundo número, após o seu relançamento, os mais variados temas das artes e cultura da terra, sempre abordados por uma ótica informal e atual.

Nesta edição:

Animado bate-papo com o geógrafo Milton Santos, e os economistas Jairo Simões e Milton Santos Filho.

Artistas plásticos das mais variadas tendências, ilustrando ensaios, contos e comentários: Renato da Silveira, Léo Celuque, Murilo, Otaviano Muniz Barreto, entre outros.

Os líderes estudantis da época da ditadura — a geração 68 — como vivem e pensam, hoje, na reportagem “Nós que amávamos tanto a revolução” por Mara Campos e Silvana Junqueira Ayres. E mais: Ciências Sociais, Poesia, Música, Comportamento, Cidadania e Racismo.

Especial:

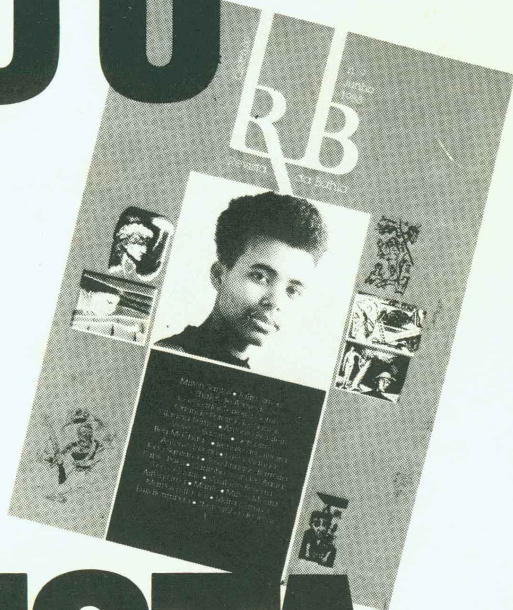
Trabalho inédito sobre Legislação Repressiva x Imprensa.

A situação da moderna escultura baiana. Uma análise feminina sobre a sexualização da escrita.

Thales de Azevedo em ensaio inédito sobre a negritude.

Agora como nunca, a hora e a vez da cultura no momento da mudança, no presente da Bahia.

SAIU O Nº 9 DA REVISTA DA BAHIA.



Os bons textos voltaram.



Empresa Gráfica da Bahia

GOVERNO DEMOCRÁTICO

BAHIA

SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS DA EGBA

O VOTO DA MUDANÇA

(Eleições na Bahia 1986) — O livro contém os resultados das últimas eleições no Estado, acompanhados de análises do professor de Ciência Política da UFBa., Ary Guimarães e do sociólogo Joviniano Neto. Indispensável para analistas, cientistas, conselheiros políticos e candidatos a cargos eletivos.

CORTA-BRACO

(Reedição) — Romance do escritor Ariovaldo Matos, editado pela primeira vez na década de 50, retratando a luta por moradia em Salvador, através da história da invasão de “Corta-Braço”, que deu origem à ocupação popular do bairro de Pero Vaz. Co-edição com a Fundação Cultural do Estado da Bahia.

O DISCURSO DEMOCRÁTICO

Coletânea dos principais pronunciamentos do governador Waldir Pires no seu primeiro ano de governo. O livro mostra a coerência do discurso do governador e sua pregação didática pela necessidade da Mudança e os princípios que a norteiam em busca da democracia e bem-estar da população.

EXCERDOS DO LIVRO DAS TERRAS

Reedição parcial da raríssima obra de J.M.P de Vasconcelos, datada de 1860, comentando a Lei Imperial n. 601 de 18 de setembro de 1850 e apresentando um “Manuscrito sobre as Sesmarias da Bahia”, atribuído ao Marquês de Aguiar, de relevante interesse para historiadores e estudiosos da estrutura fundiária da Bahia. Em terceira edição.

O VÔO DA FLECHA

Instigante estudo que a escritora e poeta Luiza Vianna faz da presença de Eros na poesia, com momentos de reflexão sobre os versos de poetas como Caetano Veloso, José Carlos Capinan e Antônio Risério, entre outros. Co-edição com a Fundação Cultural do Estado da Bahia.

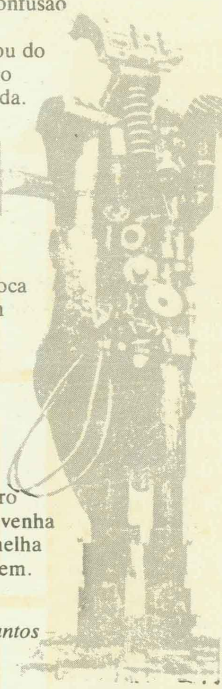
Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá do mais importante na liturgia do candomblé, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois ele é malicioso e arrelento, não sabe estar quieto, gosta de confusão e de aperreio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada. Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tangido pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso.

Exu come tudo que a boca come, bebe cachaça, é um cavalheiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por tudo isso sincretizaram-no com o diabo; em verdade ele é apenas o orixá em movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão mas, no fundo, excelente pessoa. De certa maneira é o Não onde só existe o Sim; o Contra em meio do a Favor; o intrépido e o invencível. Toda festa de terreiro começa com o padé de Exu, para que ele não venha causar perturbação. Sua roupa é bela: azul, vermelha e branca e todas as segundas-feiras lhe pertencem.

Jorge Amado

(Textos extraídos do livro "Bahia de Todos os Santos guia de ruas e mistérios")

EXU: Escultura de Tati Moreno



Capa: EXU de Carybé

3
FERNANDO
DA ROCHA PERES
- entrevista

8
GUIDO GUERRA

13
THEODORE ROETHKE

14
WALY SALOMÃO

16
HELENA
PARENTE DA CUNHA

18
ANTONIO MAURA

20
JORGE AMADO

22
MIRELLA MÁRCIA

24
PAULO RIBEIRO

26
MARIA DE LOURDES
NETTO SIMÕES

33
FERNANDO MONTEIRO

34
ORLANDO
PEREIRA DOS SANTOS

38
MUSEU
EUGÊNIO TEIXEIRA LEAL

40
Registro

Poster
Pintura de
Carybé

Texto: Claudius Portugal

Coordenação Editorial: Claudius Portugal
Conselho Editorial: Miryam Fraga (presidente)
Antonio Risério, Fernando da Rocha Peres,
Florisvaldo Matos, James Amado,
João Jorge Amado, José Carlos Capinan,
Paulo Tavares, Sônia Coutinho,
Wilson Lins;
Criação Original: D & E;
Fotografia: Walmir Pinheiro;
Diagramação: Humberto Vellame;
Composição, Fitolito e Impressão:
Empresa Gráfica da Bahia



Exu é uma publicação bimestral da
Fundação Casa de Jorge Amado
Largo do Pelourinho s/n, Salvador,
Bahia, CEP 40025, Tel.: 242-0075.

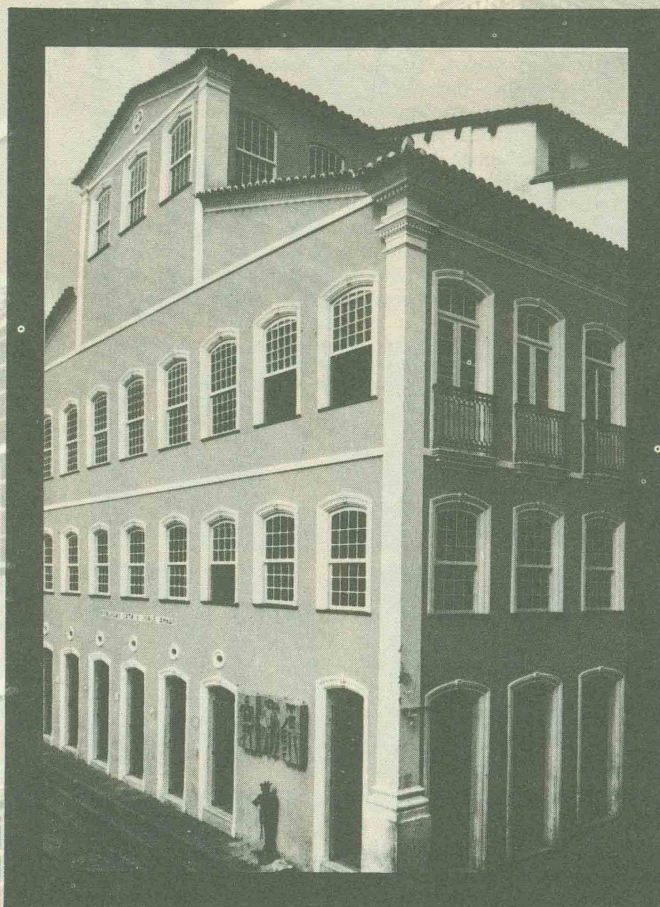
Os conceitos emitidos em artigos assinados
são da responsabilidade exclusiva de seus autores.
Os originais não serão devolvidos.

Publicação de acordo com a Lei Federal
n. 7505/86 (Lei Sarney).

Correspondentes: Adalmir da Cunha Miranda,
José Paulo Paes, Ricardo Ramos (São Paulo)
Afrânio Coutinho, Antonio Torres, Eduardo
Portella, Fernando Sabino, Mário da Silva Brito, Rubem
Braga, Bella Jozef (Rio de Janeiro), Paloma Amado
Costa (Brasília), Nadia Gotliéb, Oswaldo França
Júnior (Minas Gerais), João de Jesus Paes Loureiro
(Pará), Marcus Acyolli (Pernambuco), Sérgio de
Castro Pinto (Paraíba), Janaina Amado (Goiás),
Antonio Holhefeldt, Armindo Trevisan, Danilo Ucha
(Rio Grande do Sul), Haydée Jofre Barroso, José
Maria Paolantino (Argentina), Isabel Allende
(Venezuela), Gustavo Bustamante (Colômbia),
Miguel Bustos Cerecedo (México), Gregory Rabassa,
John Dwyer, Nancy Baden, Richard O'Connell, Tomas
Colchie (Estados Unidos), Alice Rayard, Francis
Combes, Jean Orecchioni, René Depestre (França),
Dario Puccini, Luciana Steganopichia (Itália), Álvaro
Salema, Fernando de Assis Pacheco, José Carlos de
Vasconcelos, Luiz Forjaz-Trigueiros, Nuno Lima de
Carvalho, Francisco Lyon de Castro (Portugal),
Xela Arias (Espanha), Antônio Olinto (Inglaterra), Theodor Popoff (Bulgária), Pavla Lidmilová
(Tchecoslováquia), Kostas Assimacopoulos (Grécia), Jorge Kalugim, Vera Kuteichicova (URSS),
Jorge Alfama (Cabo Verde), Luandino Vieira (Angola), Rui Nogar (Moçambique), Osamu Kumasiro (Japão).



março / abril / 1988



Fundação Casa de Jorge Amado

Presidente: Germano Tabacof / **Diretor Executivo:** Myriam Fraga

Conselho Curador: Alfredo Machado / Antonio Celestino / Calasans Neto

Carlos Fraga / Carybé / Germano Tabacof / James Amado

João Jorge Amado / Joelson Amado / Mirabeau Sampaio / Paloma Amado Costa

Paulo Tavares / Zélia Gattai Amado / Zitelman de Oliva.

Conselho Fiscal: Ernesto Widmer / Floriano Teixeira / Jorge Lins Freire
Lafayette Pondé Filho / Renato Antonio Martins.

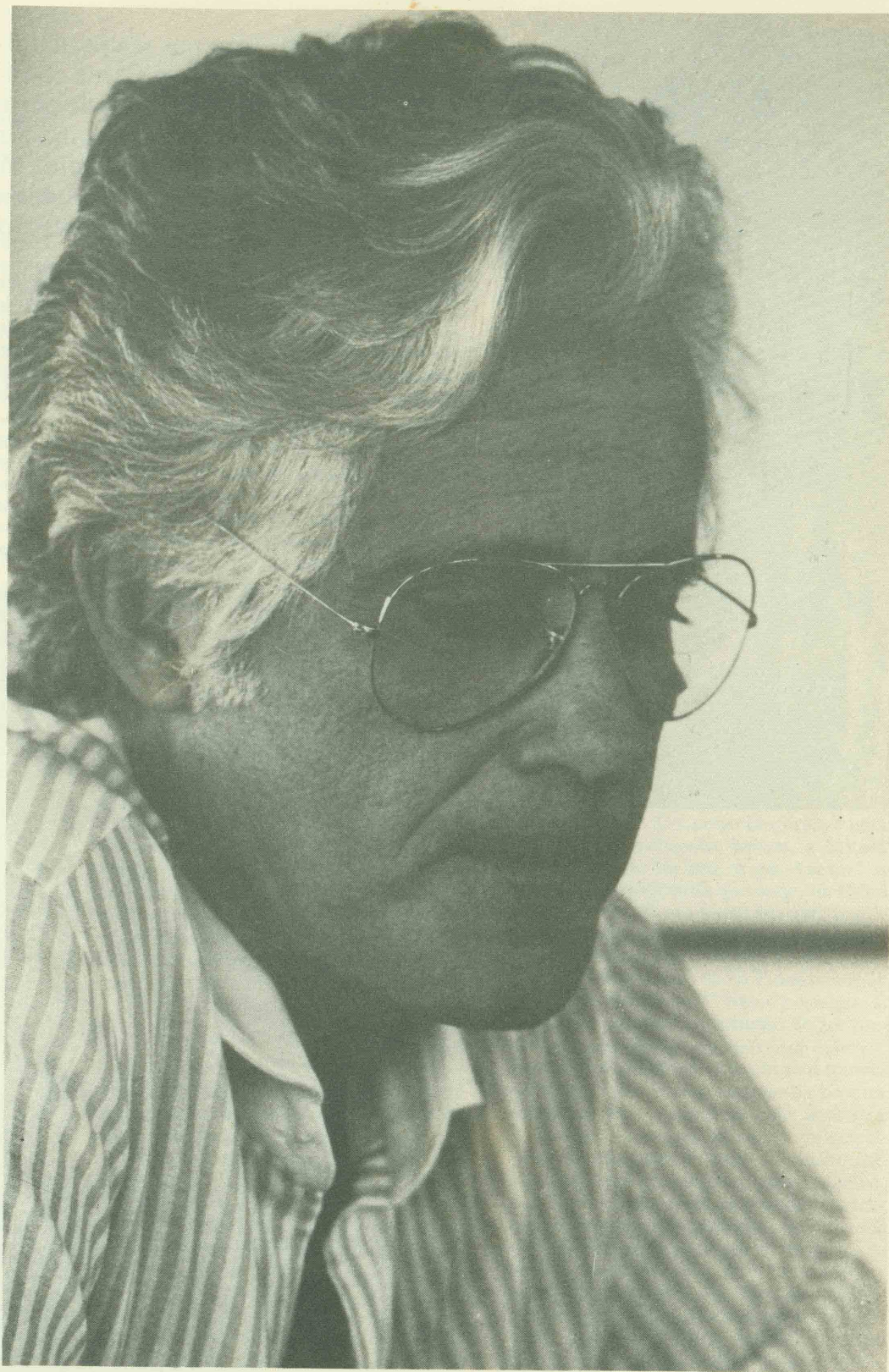
Mantenedores: Construtora Norberto Odebrecht S.A. / Banco Econômico S/A
Companhia Brasileira de Alumínio — Grupo Votorantim

Consórcio Andrade Mendonça Suarez / Dmeval da Costa Chaves Cia. Ltda.

Editora Record / Fundação Cultural Nestlé / Nacional Iguatemi Empreendimentos S/A
Transguarda / Nitrocarbôno / Construtora Mendes Júnior

Sindicato da Indústria Petroquímica e Resinas Sintéticas no Estado da Bahia-SINPER
Jean Luc Lagardère / Construtora Andrade Gutierrez S.A / Fundação Banco do Brasil

Entidades Conveniadas: Secretaria da Educação do Estado da Bahia
Secretaria da Cultura / Fundação Cultural do Estado da Bahia.

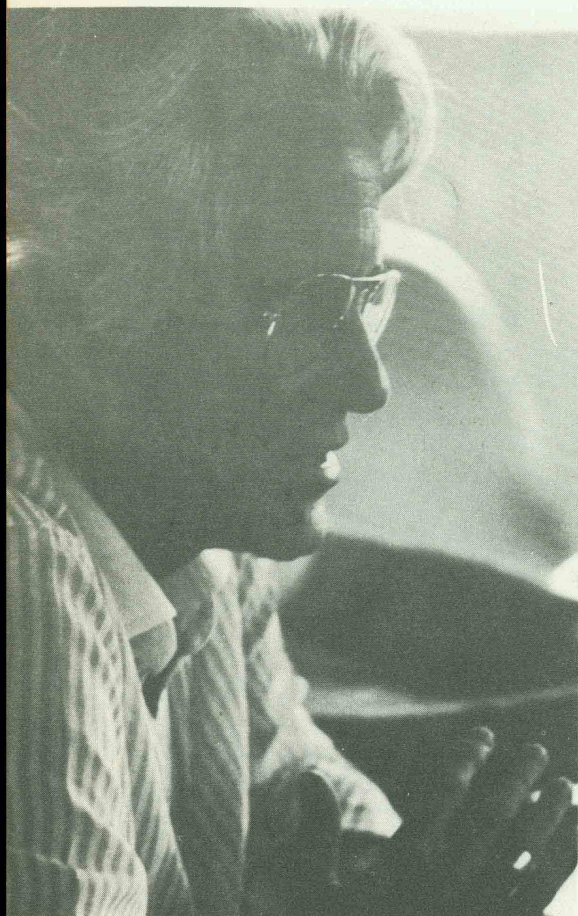


FERNANDO DA ROCHA PERES

Historiador,
biógrafo,
poeta,
professor.

Estudioso da obra de Gregório de Mattos, amigo de Glauber Rocha — com quem criou a Jogralesca, Revista Mapa, Edições Macunaíma e plantou outros sonhos —, Fernando da Rocha Peres é um intelectual idealizador e participante dos fatos culturais de importância e relevo nos últimos trinta anos da Bahia.

Contando com a colaboração dos poetas Erthos Albino de Souza e Antonio Risério, a cultura baiana atual é o tema desta nossa entrevista.



Nasci na Bahia. Meu pai era pernambucano e minha mãe baiana. Otávio Gonçalves Peres e Angelina da Rocha Peres. Eu sou em verdade metade pernambucano e metade baiano. Inclusive fiz parte da minha formação universitária na Faculdade de Direito do Recife. Mas me formei aqui, em 1964. Depois, fiz Letras, que deixei, e o mestrado em Ciências Sociais com concentração em História.



P — É interessante verificar na sua geração o estudo de Direito, e não de Letras, para quem tinha alguma tendência literária. Direito era uma espécie de legião estrangeira, uma terra de ninguém?

R — Isto explica por ser os cursos mais tradicionais — direito, engenharia, medicina — um dado que remonta ao século XIX. Mas, em verdade, as Faculdades de Letras, ou melhor, de Filosofia, não formavam escritores ou intelectuais e, sim, como ainda hoje, professores, profissionais para o ensino. Também havia naquela época, década de 50, o estigma de que o curso de Letras era destinado às mulheres, futuras mães, donas de casa e professoras. Então, a passagem pela Faculdade de Direito era em verdade para estas pessoas, transitória. Elas tinham o objetivo cultural, literário e usavam a faculdade como espécie de ponto de referência. Vide a Faculdade de Direito do Recife, São Paulo, Bahia onde no século XIX a maioria dos homens da área cultural do Brasil se formaram. Castro Alves, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, e uma enorme galeria de nomes importantes. A partir da data fatídica de 1964 os cursos de direito se tornaram mais tecnicistas e os intelectuais chegaram a conclusão que já haviam outros espaços além da universidade para se adquirir esta formação literária, política.



P — Como foi o início da sua vida literária?

R — Eu fazia poemas e guardava. Até que fui para o Colégio Central e lá por uma conjunção mágica reuniram-se pessoas que vieram a se apoiar, a se ajudar mutuamente. No Central encontrei Glauber Rocha, Calasans Neto, Paulo Gil Soares, e vários outros. Aí foi possível trocar poemas, impressões de leitura, foi possível fazer a Jogralesca, espetáculo de poesia teatralizada, foi possível editar a Revista Mapa, criar as Edições Macunaíma, foi possível fazer agitação política, foi possível se pensar em fazer cinema, algo que Glauber veio a realizar magistralmente anos depois, e tudo isto aconteceu no ano de 1957, que foi o ano base, ano chave para o deflagrar de toda esta profissão do nosso grupo. Daí eu comecei a acontecer como poeta.



P — Mas anteriormente você já tinha publicado alguns textos, uns poemas?

R — Meu primeiro poema foi publicado no Suplemento Literário do Jornal A Tarde, em 1955, que era dirigido por Heron de Alencar. Era um suplemento tradicional, muito fechado, e consegui furar esta barreira. A partir daí eu passei a ficar conhecido na porta da Livraria Civilização

Brasileira, onde eu ia todo dia de tarde fazer pose de intelectual, com Glauber, Paulo Gil, Calasans. Nesta portada da livraria aconteciam as fofocas, não só literárias, mas as políticas, e as pessoas iam para lá olhar as mulheres bonitas que desfilavam na Rua Chile. Ao lado existia o Café de Bernadete onde havia um culto a Otávio Mangabeira, e ali reuniam-se os políticos, muitos dos quais hoje são personalidades vigentes, vivas, mandantes da política da Bahia. Aí se falava muito da vida dos outros e se olhava as pernas das mulheres. O Colégio da Bahia, o Central, com a conjunção destas pessoas na faixa dos dezessete anos, e o ponto da Rua Chile na porta da livraria, que era a única livraria importante que havia na cidade, com livros importados, na época não eram objetos de luxo, super tarifado como é hoje, havia a possibilidade de se comprar livros espanhóis, franceses. Depois é começam a chegar os livros técnicos americanos, ingleses, e os italianos.

QUESTIONÁRIO

É inútil a palavra quando da carência nutre-se um homem digerindo burlas?

É inútil o herói — quase novelesco — sem aquele átimo de grave silêncio?

É inútil o aceno (breve entendimento) quebra das mordanças que nos impuseram?

É inútil o poema se ficamos mancos e o ódio espreita nossas fabulações?

É inútil o discurso (nunca um balbucio) e este interrogar que nos compromete?

É inútil o amanhã mesmo sem vislumbre mas que seja claro ao poder senti-lo?



P — Este é um fato curioso. Enquanto o resto do Brasil, especialmente o centro sul a influência estrangeira já tivesse passado a ser anglo-americana, aqui na Bahia continuava basicamente francesa.

R — Sim, francesa e espanhola. Se você observar o conteúdo da Revista Mapa, vai ver que são nacionalistas. Nós nos preocupamos em divulgar a poesia e a literatura brasileira não só em Mapa como na Jogralesca, e a nossa própria produção. No terceiro número é que há uma abertura para Eliot, Pound, por influência de Albérico Mota, que do grupo era o único que lia e traduzia inglês. Mas nosso interesse estava na literatura brasileira e na cultura francesa e espanhola. Se você observar, na área do pensamento filosófico, duas figuras vão marcar muito a geração: Ortega y Gasset e Jean Paul Sartre.



P — O seu início foi a poesia. Mas o poeta não anda hoje um pouco esquecido?

R — A partir de um determinado momento tive que enveredar pela vida profissional e percebi que a poesia não me daria suficiente respaldo. Ser poeta profissional no Brasil já é problemático, quanto mais na Bahia. Então fiz carreira universitária, e a partir daí me engajei na História, na Historiografia, na Biografia. O poeta hoje, na verdade, só ocasionalmente publica. Acho que a poesia brasileira está confusa e ainda não surgiu um poema que revele o caos brasileiro, ou um poeta disposto a tirar deste caos que estamos vivendo uma poesia que seja formalmente importante e tenha um conteúdo crítico.



P — Você fala que saiu da poesia por sobrevivência, mas a gente pode pegar por outro lado. *Memória da Sé* é um trabalho da maior importância, e, de certo modo, é o seu grande poema. Como você escolheu este tema como tese?

R — Isto é uma coisa mágica. Eu tinha um tio avô chamado Pirajá da Silva, um homem inserido na cultura baiana na década de 20, e este homem foi o líder do movimento contra a demolição da Sé. Aos dezesseis anos de idade encontrei na casa da minha avó um envelope cheio de documentos, recortes de jornais, e resolvi guardar isto. Tenho a obsessão de guardar tudo, todo papel. Houve um concurso para professor do Departamento de História, títulos e provas, e precisava fazer uma tese. Escrevi a *Memória da Sé*, que é uma referência simbólica enquanto movimento que resistiu a reforma urbana da Bahia que começa em 1912 e que destruiu muita coisa do Centro Histórico. A Sé ficou por último como baluarte. Foi demolida em 33. Eu vou nascer em 36. Tive a feliz coincidência deste meu tio avô, um médico famoso, identificador do xistossomo Manson, que era um generalista, com uma biblioteca fabulosa, hoje pertencente ao município de São Paulo, ao acervo da Biblioteca Mario de Andrade.



P — Você vê a revitalização do Centro Histórico como uma coisa nostálgica?

R — Não. Vejo este espaço como algo fundamental para a cidade. Não vejo como nostalgia. O Centro Histórico é uma referência à civilização baiana, a cultura baiana. Se não for isto, o que vai ser? A arquitetura modernosa que surge na Bahia na década de 50, ou a que foi uma cópia, um arremedo, um pastiche da que a Missão Francesa trouxe para o Brasil? O que é que marca a Bahia a não ser o Pelourinho, as cidades do Recôncavo? Não é nostalgia. É um capital cultural importante de ser preservado, pois no dia que deixar de existir... Isto não vai acontecer pois ele está tombado, e esta foi a grande virtude da própria ação legal. Pode estar decadente, mas está aí. As pessoas gostam, admiram, principalmente as que vêm de fora. E mesmo que seja nostálgico para alguns, como negativa para outros, é claro que os grandes especuladores imobiliários gostariam de ter toda esta área no chão para que se edificassem prédios pós-modernos. Mas isto não vai acontecer. Se cogitou. Quando da reforma urbana que Seabra introduz na Bahia, em 1912, o urbanista chefe Arlindo Fragozo pretendia levar a Av. Sete até Santo Antonio Além do Carmo. A Av. Sete passaria de roldão destruindo todo o Centro Histórico da cidade.



P — Qual foi o seu primeiro contato com a obra de Gregório de Mattos. Quando surgiu esta paixão?

R — Foi seguramente por volta de 58/59 quando publicamos pelas edições Macunaíma um soneto sacro, um soneto de arrependimento, onde ele faz uma espécie de prestação de contas da sua alma a Deus. É um soneto que os estudiosos da obra consideram como uma crise mística. Foi uma edição de cem exemplares, com orientação gráfica de Calasans Neto.

TEMPO / Objeto I

para Florisvaldo Mattos

**Ôca, simples
arquitetura
de barro domesticado.**

**Dócil era o despoluir,
(murmúrio de cisco
na máquina barrenta)
guardando em sombra
nossa sede e cansaço.**

**Moringa, ausente
companheira
de tardes avarandadas.**

SEGUNDA VERSÃO DO ANTIPOEMA

para Carlos Nelson Coutinho

**Este é o antipoema,
dardo no versejar.
Mais que fuga do lírico,
é lúcida definição.
Certamente procuro
a exata metáfora,
para um tempo surdo e obscuro.
(A lição dos poetas
agoniza nos manuais.)
Há um silêncio grave
um esvaziamento
uma guerra
uma bestialidade que se insinua.
Este é o antipoema,
seta no alvo, na palavra.
Mais que medo dos homens,
é lírica denúncia.**

UM E OUTRO (ad libitum)

Não tinham propriedade —
Um era a fazenda do outro.
Castro Alves, in *Gonzaga* (1867)

Um era a cor do outro,
Um será a igualdade do outro.

Um era a mão do outro,
Um será a cabeça do outro.

Um era a reza do outro,
Um será o grito do outro.

Um era a falta do outro,
Um será o aceno do outro.

Um era o labirinto do outro,
Um será a liberdade do outro.

Um era a fome do outro,
Um será a colheita do outro.

Um era a passividade do outro,
Um será o gatilho do outro.

Um era o lamento do outro,
Um será o discurso do outro.

Um era o trapo do outro,
Um será a figura do outro.

Um era a ignorância do outro,
Um será o ensino do outro.

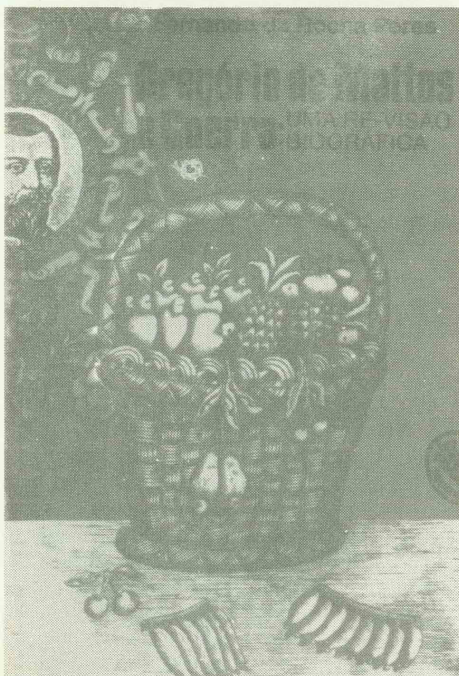
Um era a cicatriz do outro,
Um será a lei do outro.

Um era a sede do outro,
Um será o amor do outro.



P — Vocês chegaram a oralizar na Jogralesca alguma coisa de Gregório?

R — Não. Curiosamente nós estávamos interessados nos modernistas. Quando abrimos para autores não modernistas fomos buscar Vicente de Carvalho no poema *Pequenino Morto*, um poema dramático, fantástico, parnasiano. Gregório não estava ainda nestas cogitações. Seria interessante que naquela época tivéssemos feito alguma experiência cênica. Infelizmente não aconteceu. Em parte, porque a edição da Academia Brasileira de Letras, naquela oportunidade já estava esgotada e era de difícil acesso, e também por só se ter publicado a parte mais significativa da obra de Gregório em 1968, na edição de James Amado, que é a parte erótica, a parte pornográfica, a burlesca, a fescenina, tudo aquilo que Afrânio Peixoto censurou.



P — Mas o estudioso da obra ele passa a existir a partir de quando?

R — A partir de 68. Fundamentalmente. Eu resolvi dar uma saída do Brasil, fui para Portugal como bolsista, bolsa esta intermediada pelo querido amigo Helio Simões, a quem devo isto eternamente. Era uma bolsa do Governo Português. Lá, levei o tema avante. Os arquivos portugueses são importantíssimos e estão muito desarrumados. Não estão sistematizados ou catalogados. Nós herdamos esta tradição. Juntamos papéis. Daí fui enveredando por esta reescrita da obra de Gregório e estabeleci uma série de dados, de fatos, nomes, acontecimentos em torno dele, e hoje esta biografia ajuda enormemente os estudiosos da obra na datação e na aproximação do homem ao texto e vice-versa. A reconstituição ou reescrita da biografia tem sido a minha tônica. Vez em quando enveredo por uma análise textual, mas não é minha especialidade. Não é a minha linha de trabalho, que é a história, e um gênero desta que é a biografia. Ainda não escrevi a biografia de Gregório, mas pretendo. Talvez seja o meu canto do cisne. Estou juntando material para isto.



P — A obra de Gregório não se ressentia de uma edição crítica?

R — O Brasil precisa ter uma edição crítica de seu mais importante poeta. Os portugueses ignoram Gregório.



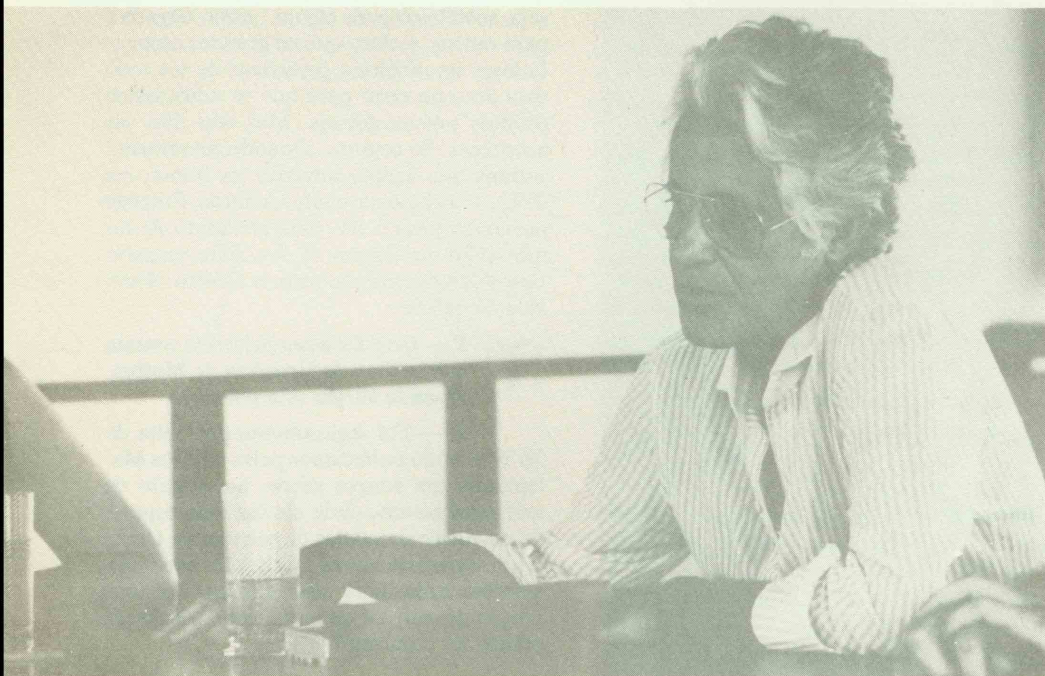
P — Foi falado o historiador, o estudioso, o poeta... Alguma coisa mais?

R — Eu ter entrado para a Academia de Letras da Bahia.



P — É. Ninguém lembrou. Deve existir algum motivo para esta ausência. Apesar da Academia estar passando por um momento de renovação, esquecemos. Então, qual o motivo para você ter topado ser acadêmico?

R — Topei porque lá estão alguns amigos mais velhos e amigos mais novos etariamente. E, também, porque em verdade, é um local onde hoje há uma agitação cultural, um local de convivência, e eu já estou vivendo o que os americanos chamam a terceira idade. Vou fazer cinquenta e dois e estas mutações que acontecem física e cultural na vida de uma pessoa marcam muito. Há um determinado momento que você é jovem, contestador, e há um outro momento que você passa a ser alguém sem perder estas suas raízes. Você começa a sedimentar, a decantar, a ter uma visão menos crítica e mais objetiva do real. Então, você começa a se interessar pela convivência de outro tipo, a convivência deixa de ser o bar, a praia, e passa a ser uma convivência na universidade, com os colegas, na Academia. O fato de ser na Academia é porque sou um sujeito que dediquei a minha vida às atividades culturais. Seria estranho se eu fosse presidente do Esporte Clube Bahia, eu que nunca me interessei por futebol. Então, para onde vou me dirigir, senão para a Universidade, a Academia, o Instituto Histórico, instituições que na Bahia congregam intelectuais, homens que fazem a vida cultural da cidade.



COTIDIANO Nº 1

Fila.

Caracol de vertebrados empunhando jornais.

Necessidades em formas quilométricas

de amar, partir e comer,
cantando no asfalto o hino dos pés.

Pé de velho, pé de moça,
tanto pé, nenhuma poça.

Pé de pato, pé de pinto,
tanto pé, no labirinto.



ROMANCE PARA GLAUBER ROCHA

O amigo partiu em Agosto,
sem dizer quando voltava
sem ao menos deixar telex
ou marcar encontro em bar.
Dizem que a Morte chegou
em seu carro rabo-de-peixe
e fez as malas do homem
(cheias de filmes e livros)
e foi com ele para MILAGRES.
22 do mês aziago
não é tempo de viagem,
e por isso não reconheço
que o cineasta tenha fugido
montado em asa de arcanjo,
com a parca no seu encalço
deixando todos transidos
na saudade e na esperança
de que ele volte amanhã
— mesmo sem anúncio —
trazendo junto consigo
D. Sebastião e o cometa de Halley.
Os três em motos de fogo
com a navalha do discurso
com a moviola do sonho
com a idéia do Quinto Império,
e uma cauda, luz e poeira,
vão retalhar os mediocres
vão remontar as barricadas
vão reconstruir a Sé
fazer retornar os bondes
e afastar os cães de guarda.

E nós seus irmãos e alferes
(Calá, Paulo Gil, Sante,
Florisvaldo, Anísio, Fred,
Joca, Bananeira, Albérico,
Rex, Solon e Telles,
Lina, Vivaldo, Guerrinha,
Pedreira, Rui e Maria,
Rosa, Ieda, Anecyr,
Carvalho, Godofredo, Orlando Sena,
Genaro, Ângelo, Walter da Silveira,
Siri, Zahidê e Machado Neto,
Barros, Raimundo Oliveira, Jorge Amado,
D. Lúcia, Adamastor, Helena,
Ubaldo, Paloma e Romeu,
Silva Dultra, Urania e Peres,
todo um batalhão de Periquitos
das lutas da Independência,
em 2 de Julho na Bahia)
estaremos nas SETE PORTAS
(com Macunaíma e Jubiabá,
Gregório de Mattos e Castro Alves)
“a las cinco de la tarde”
para o reencontro do eterno
passado silêncio do tempo,
para a redescoberta da vida
no vinco de cada pele,
para o afago inconsútil
neste encontro de mágica lembrança:
com você, os seus vivos e mortos.
O amigo partiu depressa
e deixou a porta aberta
sem qualquer recado ou código
que indicasse sua morada.
Por isso estamos alerta
(um terço dos Periquitos
e os baianos e brasileiros)
a um gesto, nuvem ou apito;
acredito que ele regresse
do céu ou de MONTE SANTO
cada ano em cada agosto
no mistério da memória
dos companheiros que ficaram.
O amigo faz tanta falta!
São quatro anos de ausência.

O ÚLTIMO SALÃO GRENÁ

Eu não sou Janete de nascença,
mas de querença.
Na verdade, até atravessar aquela porta,
era Filomena e, na boca de pai e mãe, Filó.
Pensasse com a cabeça do escrivão, pai me
registraria com **ph**,
mas voltou atrás: preferiu o
fê. Questão de gosto pra não sentir desgosto no
mês de agosto, pai falou e sorriu. Desconfio que
havia santa com esse nome,
não sei se milagrosa.
Talvez com **ph**.

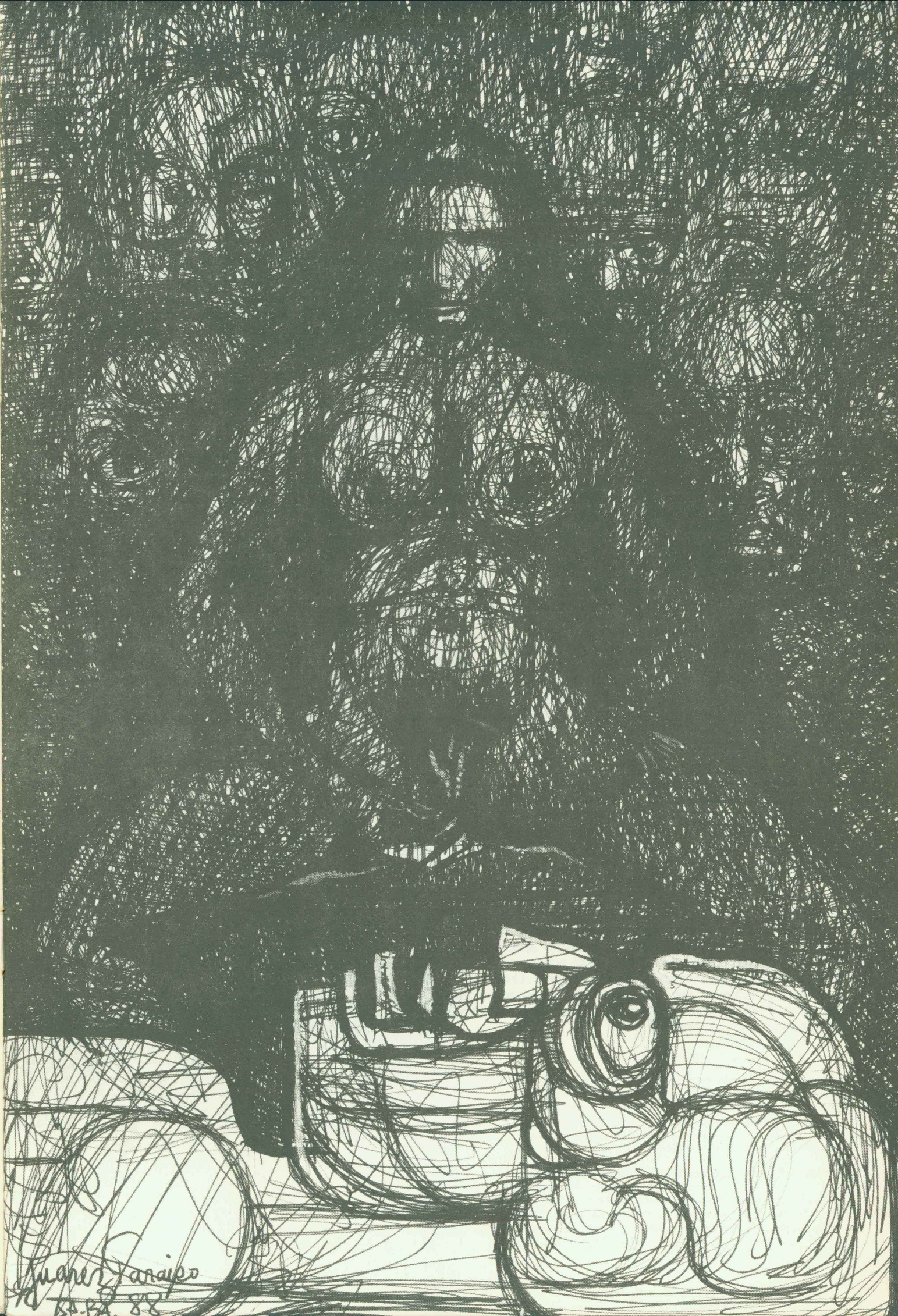
Pelo que sei, de muito assuntar conversa dos mais
velhos, vó Marcelina era de parecer que eu fosse Efigênia,
igual à mãe dela, na pia e no cartório. Pai não perguntou
a preferência de mãe, que me carregou no bucho e no
enjôo. Opinou só, por conta e risco: melhor Filomena,
que era a graça da agente dos Correios, cujo marido tinha
umas tarefas de terra — bom pedaço de capim verdinho,
o restante, mudas de sisal nas covas.

Sem filhos, eu lhes serviria de bem querer postiço.
Isso passou pela cabeça de pai, caiu no agrado de mãe,
virou esperança lá em casa. À falta de crias, afilhada tinha
serventia, pai cresceu o olho sem usura. Herança não cai

do céu, mas vem de onde não se espera — mãe falava
pela boca de pai, sem falar, batendo a cabeça. Dona Filo-
mena me levou à pia, no dia de São José, no que fez
o gosto de pai e o riso de mãe.

Sucedeu, aí, que **seu** Cacetão, que me achou na Esta-
ção da Calçada — isso no tempo em que se viajava pela
estrada-de-ferro, no trem da Leste — concluiu que eu não
tinha nome de puta e propôs que adotasse outro, de guerra.
E escolhi ser Janete, causa de uma atriz que era antes
de mim, mas com **th** e sobrenome que nunca acertei dizer.
Se falava como não se escrevia, embolando a língua. Ame-
ricana, rosadinha nem goiaba madura por dentro. **Seu** Ca-
cetão, hoje enterrado em cova rasa, me deu banho de
loja e me ensinou de um tudo: a rodar bolsinha e a fingir
que sentia o que não sentia.

Conversório houve em torno de mim, que nem sabia
do mundo, como ia me chamar, se ia ganhar a graça da
santa do dia. Dona Filomena, que me levou à pia, sugeriu
que eu fosse Maria da Glória, pai lembrou que Santaluz
— esse o nome da cidade onde nasci — tinha mais Maria
que sisal flechando, dando pendão. E Filó nasceu ali. No
fundo, bem no fundo, mãe jurava, dona Filomena se derre-
teu toda de contentamento.



Juarez Faraipo
88

Começo por onde me perdi. Vezes me lembro da Filomena que eu era. Pensei que poderia ser só Filó, nome curto e fácil de decorar. Seu Cacetão cuidou de descartar esse apelido mimoso, mas com acento no o. Ia virar trocadilho na boca de qualquer um: *Filó, tu me dá o fiofó?* — ele arremedou um moleque de ponta de rua. Se não achasse graça de bom agrado, Suzi, mas ysilone, também servia, juntou Seu Cacetão. A outra Janeta, a americana do cinema, tinha os olhos verdes e os cabelos de espiga-de-milho. Dourei os meus, os cabelos e os pentelhos, mas Seu Cacetão, longe de aprovar minha lourice de araque, botou defeito até onde não havia e pinteí novamente os cabelos e os pentelhos também, de volta à morenidade de nascença.

Seu Cacetão me comprou uma aliança, não de mearrear, de ouro dezoito mesmo, e não era pra me pedir em casamento não, tendo me levado pra onde me levou. Era, segundo explicou, pra infundir respeito. Só pra ter aparência de casada. Não precisava ser. Bastante parecer, que era o suficiente. Se fosse, mas não era. Olhe pra mim e responda: *tenho cara de madame?*

Sou o que você está vendo, coisa ruim como vocês dizem, não é assim que vocês chamam outras que nem eu? Se preocupe não, a gente aprende a apanhar e até se acostuma, mas não esquece. Vocês se acham no direito de dar na cara da gente, xingar a mãe da gente como se a gente não tivesse mãe, né? Teve um que se engraçou comigo, assim engrossando e se deu mal. Foi o que eu disse pra ele: cara que mamãe beijou, vagabundo não bota a mão, ele deixou os cinco dedos na minha fachada e levou o troco: quebrei uma garrafa de cerveja na cara dele, o mel desceu na hora. Fiquei olhando com gosto, vendo e sorrindo.

Lá nele, a cicatriz. A marca da forra. O grito, a raiva, tudo de meu. Lhe juro: esse fulano, onde estiver, não vai me esquecer nem hoje nem amanhã e nem depois. Nunca, moço, nunca. Toda vez que alisar a cicatriz, vai pensar em mim, morder a língua e cuspir sangue e me lembrar de novo, até me amar. Como os doidos amam, calando e guardando.

Mas não se acanhe, moço. Sei que, na rua, você vai me virar a cara. Como os outros viram, principalmente os que dormem comigo e me agradam e pedem bis. Tem nada não, meu, o pior está por vir, veio uma vez e vem de novo. Não digo o que não sei, o que não me doeu antes. Outros já fizeram isso comigo e eu continuo viva, aliás mais que viva, não está vendo? Então, sossegue aí. A vida endurece a gente, embrutece, às vezes alivia a dor, mas não acaba com ela. Nem com a gente. Tá vendo esse risco na testa? Pois foi a polícia. Quando, faz tempo, eu rodava bolsa no Buraco Doce, começando. Treze pontos dados na raça, na bruta, quase com raiva. Sabe o que foi que o médico disse? Me chamou pelo nome que vocês chamam a gente, como se fosse o nome da gente. O doutor, que fumava cachimbo, me olhou com nojo, cuspiu no balde e, depois, disse que não ia gastar anestesia com uma grinfada da minha laia, assim, assado.

Você sabe o que é grinfada? Isso aí, meu, o apelido do palavrão. Me chame assim não, moço. Machuca, fere, não aí onde o meganha me feriu, lá dentro, onde dói mais e nunca pára de doer, onde anestesia não faz efeito nem sentido. E poderia ser diferente, se você não chegasse como chegou. Igual aos outros, você passou aí no salão, reparando em cada uma, mesmo que numa exposição de animais ou de móveis usados, escolhendo cada qual por detalhes particulares, coxas, ancas, peitos e o resto, sem nada perguntar a nenhuma, nem se queria ficar com você. Se sentou aí. Parece que se agradou de mim. Me olhou, mas não veio como os cavalheiros vão às damas, sorrindo cheios de rapapés. Estalou os dedos pra mim. Como se chamasse seu cão de estimação. Nem se perguntou se ia me doer, se não, foi estalando os dedos e esperando, sabia que havia de ir, não sabia?

Pior de tudo, eu vim, você disse que me sentasse, escolheu até o lado, indicou onde devia me sentar. Onde me sentei, obedecendo. Você olhou pra mim e não havia ternura em seus olhos e disse, como se fosse do meu ofício, que lhe contasse minha história, que me pertence. Como se não fosse só minha. Aí é que está. Você não quis ganhar minha história, quis minha história na marra, sem um gesto de carinho, um assanhar de cabelos, um afagar de mãos, um gesto de ternura, único que fosse.

Se sentou aí, bebeu seu Vermute, avisou que estava esperando e que não tinha tempo a perder e acendeu um cigarro e soltou fumaça na minha cara e ordenou que eu falasse logo, que você tinha pressa de ouvir minha história, saber de onde vim, como vim, como me perdi, se foi gostosa a primeira vez e com quem foi, se foi à força ou se dei de gosto. Aí, eu me calei. Você se enfezou, enfiou a mão no bolso, repetiu que estava esperando e que era bom que eu contasse sem fazer corpo mole, antes que você se enraivasse e, então, seria muito pior pra mim, dona de minha história.

E tudo seria mais bonito, se você não pedisse, se ganhasse minha história, entrando nela, sem fazer perguntas, me animando de vida, talvez de sonho, de esperança. Bem-bom havia de ser, se você me chamasse pra dar uma volta, de mãos dadas, assim como namorados bem antigos, me convidasse pra tomar sorvete ali na Cubana, olhando o por-do-sol, os pombos se recolhendo.

Sabe, eu nunca tomei sorvete lá. Pois é, nunca. Lá, também, ninguém marcou encontro comigo. Nunca, meu, nunca. Passo por lá, correndo, fugindo, às vezes de óculos escuros pra disfarçar, vocês me marcaram a ferro e fogo, o dedo na minha direção, o palavrão cochichado, cada qual me expondo, me mostrando, dizendo o que fez comigo e principalmente o que não fez. Mas sonhei muito. Hoje, menos. Me sentar na Cubana, alguém me abraçando ou, apenas me olhando, mas dentro dos olhos, assim com ternura. Mas não. Parece que vocês conhecem a gente pelo cheiro, esse perfume espanta-negrinha, como vocês dizem, que anuncia que a gente vem vindo antes de chegar. Então, vocês torcem a venta, as mulheres também, e a gente vai assuntando tudo, vendo e calando.

Pois é, seu moço, tome assento aí e ouça, mas antes me pague um sorvete de baunilha. Faz anos que sonho com isso, me sentar aqui na **Cubana**, acompanhada, alguém pagando para mim, e olhar o por-do-sol, mas nunca pude, o moço sabe de onde venho. Pois então, me faça mais um gosto: me dê a mão, querendo. Tá bom, casado, o moço só pode me apalpar por baixo da mesa, sua patroa pode passar, botar olho de zanga, sei. Deixe pra lá, eu compreendo, destino de puta, né? O moço quer a história de minha vida, certo? Vai ouvir, mas peça o sorvete de baunilha primeiro. Se não tiver, serve de manga ou de sapoti. Uma vez, tempo em que atendia meu bem querer de tarde, esse homem que fugiu do meu coração, que me freqüentava duas vezes por semana, me trouxe um Mané-Gostoso que nunca tive na infância e isso mexeu comigo: chorei de rir, de contente, e ainda guardo lembrança.

Mas não pense que estou lhe cobrando qualquer agrado. Gosto de recordar minhas pequenas alegrias que vão crescendo com o tempo, crescendo devagar. Outro cuidado, esse era estudante, começou comigo, lhe ensinei tudo que sabia e ele montou casa pra outra, me trouxe um dia, nas tardes reservadas a meus afetos, cada um tinha seu dia certo, uma lata de suspiros — ah, seu moço, suspiros tão deliciosos, como aqueles, nunca mais encontrei.

Vim do meu sertão, lá vendia cocada-puxa e quebra-queixo pra ajudar mãe e pai, mas aí peguei barriga e pai se arreliou comigo, verdade que não me xingou de puta, como era moda, nem aprontou sermão como padre antigo, só se enfezou lá no canto dele, nunca mais me botou no colo dele nem cheirou meus cabelos, e isso foi doendo aqui em mim, cá dentro, no mais fundo, até que não suportei mais aquele silêncio, aquela indiferença no olhar e me piquei no trem da Leste, cá onde você me achou e outros me acharam antes. Lembro um em particular. Tinha os cabelos brancos, o chapéu cobrindo o rosto, sentado à mesa, atrás da última pilastra, tira-gosto de salame e um copo de **Vermute** ainda não provado e aprovado. Qualquer coisa me levou a ele, talvez uma vontade de quebrar uma tristeza que adivinhei. Sem pedir licença, mais oferecida que devia ser, tomei assento à sua mesa, ele permaneceu no silêncio de pedra em que se mantinha, escondendo o rosto, até que falei:

— Está tristonho, amigo? Deixe comigo. Vamos fazer amorzinho que a tristeza vai embora...

Então, ele tirou o chapéu e o recolheu ao colo, como costumava fazer lá em casa, quando voltava da labuta, cansado, às vezes comentando que a filha de não sei quem se perdera com um caixeiro-viajante, coisas assim. Em seguida, concedendo-me tempo para o reconhecimento, levantou-se. Sem palavras, talvez com os olhos marejados, afastou-se.

Sim, seu moço, era meu pai aquele senhor que foi me ver na zona, ele mesmo em carne e osso. Provável que, antes de deitar os olhos em mim, não acreditasse que eu estivesse lá, mas estava; me viu e se entalou. Me entalei também. De repente, tive vergonha de mim. Do meu decote e cobri os peitos com as mãos. Hesitei se arrancava os cílios postiços e, baixinho, me perguntei se ele se escandalizara mais com minhas sobrancelhas depiladas ou com o vermelho do meu sorriso, aquele batom cor de sangue que deixei de usar.

Ele nunca me vira tão nua, tão exposta, tão oferecida. Não me perguntou o que passei, as dores que experimentei nessa caminhada, nem me pediu notícias do neto que eu trouxe no bucho, sequer indagou se era homem ou mulher, se vivia ou tinha morrido. Também não quis saber como eu caí na vida. Ouviu dizer que estava aqui, perdida, veio conferir, me viu e, em mim, não reconheceu a menina que sonhou, que construiu, que se perdeu nos braços de um homem que não escolheu pra mim.

O moço aí, que não me dá o braço pra atravessar a rua, quando lá chegou, se agradou de mim e me chamou assim com a mão, não se interessou se eu também tinha me agradado de sua pessoa, foi mandando que me sentasse a seu lado, pedisse a bebida que desejasse beber e contasse minha história, meus padecimentos e de onde vim. Depois, o moço falou, perguntando quanto queria pra dormir com sua pessoa, sem fechar os olhos nem as pernas.

Eu estava exausta, mas meu cansaço não importava, minha vontade também não, que, verdade seja dita, não estava ali pra me dar a esses luxos, mas pra atender ao freguês, lhe fazer uns agrados sem pedir outros em troca. Depois, o moço repetiu a pergunta: quanto eu queria pra fazer o que você quisesse. Eu disse que era tanto, que era tão pouco, mas era o preço estabelecido na **ficha**, uma parte ficava na gerência, o resto vinha pra minha mão. Nofim da noite, **Seu** Cacetão vinha rachar a fêria: a metade era dele. Nenhum motivo pra me queixar.

Pai deixou sobre a mesa, intocados, o tira-gosto de salame e o **Vermute**, que lá também esqueci, pois não resultara de um oferecimento, de um gesto de simpatia tão desejado. Saiu silenciosamente, sem olhar pra trás. Dentro dele, nenhuma dúvida, eu já estava morta. No outro dia, vieram me avisar que pai amanheceu morto, aqui na porta, os miolos estourados e uma arma na mão, mas o homem, com quem eu dormira, exigia dar a última.

— A saideira — disse ele. — Eu paguei, tenho direito. Só saideira, tá?

— Impossível — argumentaram as colegas, que eram duas. — O pai dela acaba de morrer.

— Não tem problema — tornou ele. — Não tem pressa. O defunto pode esperar, né, minha filha?

Talvez o moço aí, tão interessado nos meus particulares, não compreenda que puta também chora os seus mortos.

Guido Guerra, jornalista e escritor, é autor dos livros As Aparições do Dr. Salu, Percegonho Céu Azul do Sol Poente, Lili Passeata e Ela se Chama Joana Felicidade, entre outros. O texto, aqui reproduzido, é parte de um romance em elaboração, provisoriamente intitulado O Último Salão Grená. Do autor, ainda este ano, sairá o romance, já concluído e entregue ao editor, Quatro Estrelas no Pijama.

Juarez Paraiso nasceu em Arapiranga, Bahia, em 1934. Pintor, escultor, gravador, professor de artes plásticas, realizou exposições no Brasil e exterior. Foi fundador da Associação de Artistas Plásticos da Bahia, da Oficina de Arte do Museu de Arte Moderna/Bahia, diretor de arte da Revista da Bahia, realizador como secretário geral das duas Bienais Nacionais de Artes Plásticas da Bahia.

CAFE DE LA PAIX



ILUSTRAÇÕES DE KEN MARIANSKY ESPECIALMENTE PARA O MERIDIEN

A ALMA DA FRANÇA NO CORAÇÃO DO RIO

O RIO DE JANEIRO JÁ TEM UMA NOVA E EXCELENTE OPÇÃO GASTRONÔMICA: UMA BRASSERIE DE VIANDES. AUTENTICAMENTE FRANCESA, NA BELA DECORAÇÃO E NO IMPECÁVEL SERVIÇO. ABSOLUTAMENTE BRASILEIRA, NA PERSONALIDADE DESCONTRAÍDA E NA ESSÊNCIA DE SEU MENU: AS CARNES MUITÍSSIMO ESPECIAIS DA BASSI. UM AMBIENTE ONDE CLASSE E SIMPLICIDADE SE HARMONIZAM. CHARME É SINÔNIMO DE ESPONTANEIDADE. ONDE A JOIE DE VIVRE PREVALECE. E O BOM GOSTO É EXTREMAMENTE ACESSÍVEL.

BASSI - A CARNE MAIS NOBRE DA AMÉ.

RICA LATINA - MARCOS BASSI É UM GRANDE EXPERT NA TÉCNICA DO MANUSEIO E PREPARO DA CARNE. O CORTE EXCLUSIVO, PERFEITO, É O SEU MAIOR DIFERENCIAL. E É, TAMBÉM, O RESPONSÁVEL PELA INCOMPARÁVEL

Bassi

Le
MERIDIEN
COPACABANA

COMPANHEIRO DE VIAGEM DA AIR FRANCE
AV. ATLÂNTICA, 1.020
MANOBRISTAS NA ENTRADA PELA PRAIA

MACIEZ E O EXTRAORDINÁRIO PALADAR DE SUAS CARNES. A QUALIDADE DE SUA ARTE É INSUPERÁVEL. DIFÍCIL DE RESISTIR. IMPOSSÍVEL DE DEFINIR. BASSI. TENHA O PRAZER DE EXPERIMENTAR. NUMA ATMOSFERA LEVE E AGRADÁVEL, NO CAFÉ DE LA PAIX. 24 HORAS DE PURO PRAZER.

ABERTO 24 HORAS POR DIA.

AS CARNES BASSI TAMBÉM PODEM SER APRECIADAS NO MERIDIEN - BAHIA

THEODORE ROETHKE

THE BAT

By day the bat is cousin to the mouse.
He likes the attic of an aging house.

His fingers make a hat about his head.
His pulse beat is so slow we think him dead.

He loops in crazy figures half the night
among the trees that face the corner light.

But when he brushes up against a screen,
We are afraid of what our eyes have seen:

For something is amiss or out of place
When mice with wings can wear a human face.

o morcego

nelson cerqueira (tradutor)

durante o dia o morcego é primo carnal do rato
adora o sótão de uma casa idosa é fato

seus dedos formam sobre a cabeça um chapéu
seu pulsar tão lento parece morto em véu

metade da noite em figuras loucas se maquina
entre as árvores a encarar a luz da esquina

mas quando se resvala de encontro à tela
temos medo do que nossos olhos vêem nela

alguma coisa é claro está troncha ou indecente
quando ratos alados se disfarçam em face de gente

Theodore Roethke,
poeta americano, publicou
Open House, Caminhante (prêmio Pulitzer/1953),
Palavras para o Vento (prêmio nacional do livro/1958),
Campos Distantes (prêmio nacional do livro
e prêmio Bollingen/1965).

Nelson Cerqueira é baiano,
estudioso de literatura e poeta.
Publicou Antologia Poética (1975).

ASSIM SE VAI AOS ASTROS

QUEM?

Quem é esse QUEM que dentro de mim fez ninho e é amigo
E é avião fora de rota ou corpo celeste doido essa ave
E me alevanta e seu bico aponta
Para as margens da exuberância?

D

e

s

ç

o

Em qual região do mundo aportei?

Por ora aterrissado estou num chão batido

Vagabundeio

E a cana furada da minha flauta neutras palavras serpenteia

Elas se ouriçam imantáveis najas

Ao poder do chama-de-alçapão

Deste meu sopro

Sincopável

Agarrado a esta escada de éteres é guindado por algum Deus

Outrora amanhã agora intento sempre escalar os céus

Tateio quase descambo

Inda não vi nada, meu Deus, inda não vi nada

O que nos longes se vislumbra seta e alvo será do meu talhado desígnio?

Teimo em restar aqui no mirante deserto

Muezim mugindo à-toa

Mas já a luz se mostra demasiado duvidosa

Divulgado fogo-de-santelmo ou talvez vulto de miragem

Aquela língua de chama azulada

Com estrias de jade

Lambendo lastros e mastros dos navios?

Mesmo uma cidade inteira diviso exterior ao terreno plano da vista

Estampado TAO de porcelana chinesa

Oásis que mana oásis à só menção da palavra OÁSIS

E eu subo

Pela teia acima marinhando

Taliqua a aranha

D

e

s

ç

o

Subo

Subo ao som da vontade

Até que a dura tesoura ou a afiada cimitarra corte os fios

Sedas

Dos meus dias

SIC ITUR AD ASTRA

CÂNTICOS DOS CÂNTICOS DE SALOMÃO

WALY SALOMÃO

eu era um mar de melancolia

ó doce loucura que me acontece
meu amor nos meus braços adormece
mil maravilhas do mundo ele encarna

um coração pedra-bruta
um mundo sem alegria
ó língua de fogo que me entontece

PIRÂMIDES DO EGITO
QUINTA AVENIDA
MACHUPICCHU
TRAFALGAR
CATARATAS
MANHATTAN

MURALHA DA CHINA
TTTICACA
COLISEU
SQUARE
DO IGUAÇU
GUANABARA

seu corpo é gazeta ilustrada que folheio da primeira à última página
e vice-versa
em letras garrafais o cabeçalho da manchete JÁ é um alarde:

“JÁ RAIOU A LIBERDADE”

meu amor decretou a abertura de todos os poros da minha pele
ele é meu

vento de viração barravento turbilhão doida canção de orfeu
representa Tróia que um dia o tédio de Helena varreu
um mar azul um barco bêbado a ânfora o vinho Ulisses ébrio Penélope
corisco que lampeja e lambe o lajedo da minha casinha sertaneja
ele é chave geral de usina elétrica e eu arranho o céu iluminada
metrópole moderna cidade aberta tomada acesa incendiada
ele é minha cimitarra sarracena adaga afiada espada bárbara
ele é meu SOL minha luz minha brasa meu braseiro meu brasil tição
conquistador do pólo navio quebra-gelo que me derrete o coração
sou a sede de um rio corrente caçando o SAL do oceano ardente

SENEGAL

MADAGASCAR

HONGKONG

MÁLAGA

RIODEJANEIRO

VALPARAÍSO

WALY

SALUT

AU

MONDE

Waly Salomão nasceu em Jequié, Bahia.
Letrista e poeta, publicou Me Segura que eu Vou dar um Troço,
Alegria, Alegria, e Gigolô de Bibelôs.

Maria Adair nasceu em Itiruçu, Bahia.
Artista plástica, em 1987 expôs em Paris,
Pittsburgh, New York. Este ano, na Union de Banque à Paris,
Chicago, título da ilustração,
é uma pintura sobre papel da série A Grande Viagem.

HELENA PARENTE DA CUNHA

Ela era professora da Universidade. Pequena e diáfana, se encolhia na pele e se diluía entre névoas e impenetráveis fios. Não sorria nem dizia. Taciturna entrava, murmurante bom-dia e depois se ia no calado passo. Como vivia não se sabia. Só se sabia que ela gostava de bichos. E que morava numa casa grande em subúrbio distante. Sozinha morava. Sozinha morar? Quem o pai, quem a mãe, quem os irmãos? Namorado quem? Morava. Nada mais não se sabia. Distâncias e ocas lacunas. Os colegas estavam habituados ao esquivo passar que se esgarçava no ermo dos silêncios. Recortada do mundo, ela somava ausências.

Um dia ela precisou começar a fazer o curso de mestrado. Chegava na sala de aula pelas frestas de seu corpo e se sentava num desvão de presença. E ouvia e anotava, a cabeça sempre baixa e às vezes se perdia no poço das mãos fechadas. Ilha ou novelo? O quieto corpo se retirava da vez mais da leveza da pele em evoluções perceptíveis.

Um dia um pardal entrou na sala de aula pela janela aberta. E se batia nas paredes e nas quinas e nas bordas. Todos falavam, todos se derramavam, todos se desatavam. E o passarinho sem se caber nas asas nem nos quadrados. Ela ergueu a muda cabeça e estendeu a certeza da mão. O pardal veio e pousou na palma impregnada. Ela desenovelou do fundo da boca o sorriso sem preâmbulos e saiu da sala num passo copioso, toda repleta do pardal entre as mãos. Aonde ia não se sabia. Para alguma proximidade de arbustos? Alguma diagonal de árvores secretas?

Todos sabiam que ela gostava de bichos. E morava sozinha num casarão em subúrbio distante. Sozinha? Sobretudo morava. Quem media a solidão e o sigilo do lago? O que sabiam os todos que sabiam? Retirados dias, desfiado corpo.

Um dia ela foi sorteada para fazer uma exposição na aula do curso de mestrado. Tinha duas semanas para preparar o tema. Susto, fratura, vácuo, como e por que por qual. O que se sabia? E o que se não? Durante quinze dias ela deixou de ir à Universidade. O que fazia e o que não se?

No dia da exposição, quinze minutos antes de começar a aula, chegou a notícia entrecortada. O que se sabia é que ela fora atropelada. E horas depois, uma nova notícia, uma lâmina cortando os corredores e as salas de aula. Ela tinha morrido.

Não se sabia nem o que nem por. Que nova distância se estendia entre ela era e ela tinha sido? Quem o pai, quem a mãe, quem os irmãos? Algum namorado quem? Ninguém sabia.

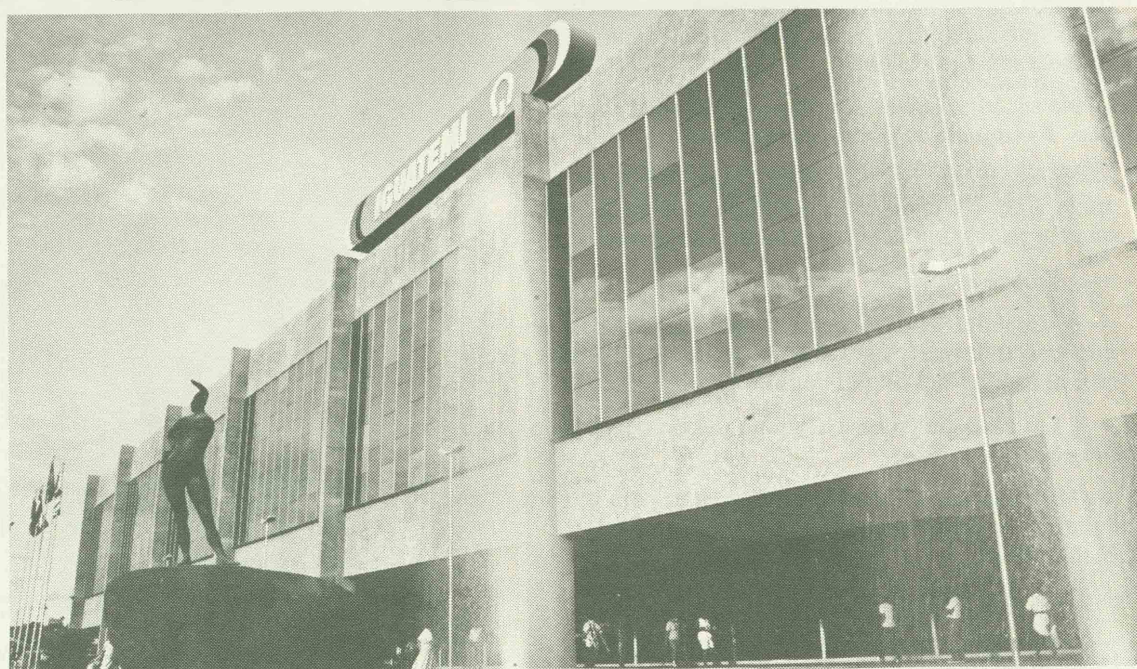
Dois colegas decidiram ir ao casarão no subúrbio distante. Morada e refúgio de fugas. Ela morava mas tinha morado. Uma mulher assustada, de olhar em redemoinho, não sabia o que falar, no meio de mais de cem gatos, mais de noventa cachorros, mais de duzentos passarinhos e mais um pardal com uma perna entre talas. Nem apenas nem contudo nem portanto. Havia ou vazia?

Nada mais se soube além de saber que ela gostava de bichos.

*Helena Parente da Cunha
nasceu em Salvador, Bahia.
Publicou, entre outros,
Maramar (poesia)*

Mulher no Espelho (contos), e o Lirismo e o Trágico em Leopardi (ensaio).

Espaço cultural.



O Iguatemi é cultura.

Ela está presente em suas praças e alamedas, que levam o nome dos mais expressivos intelectuais e artistas da Bahia, como Jorge Amado, Dorival Caymmi, Gregório de Mattos, Mário Cravo, Calasans Neto e tantos outros. Lançamentos literários,

exposições, apresentações musicais e todas as manifestações artísticas são realizadas e incentivadas pelo Iguatemi, para quem cultura nunca sai de moda.

IGUATEMI

O Shopping da Bahia

El mundo no tiene final.
Es interminable, sin fronteras,
igual que las jornadas del hambre.
Cualquiera puede perder su rumbo
en él y no encontrarse jamás.
¿ Lo sabías?

— LO SÉ. He venido por regiones de palmeras, de matojos, de surcos de tierra bermeja, tomando los caminos al azar, aguardando una voz dentro para escoger en las encrucijadas. Muchas veces con una soledad de noche a mis espaldas, temblando de frío y de miedo, de miedo a perderme para siempre, a equivocar el camino y no regresar ya nunca.

— Regresar, pero ¿ a dónde?

— No sé. Antes, en mis primeros viajes, tenía la esperanza de volver a la vieja casa donde nací. Esta idea me mantenía fuerte en las madrugadas inciertas de la desesperación. Soñaba con la vieja cama, el hogar encendido que calentara las horas más frías, que iluminase los momentos más oscuros. Eso era antes. Ahora, pienso que no regresaré nunca. Sólo la punta de lanza del camino me ilumina, me da coraje.

— ¿ Vienes de tierras frías?

— Sí.

— ¿ Por qué te has detenido en este lugar donde la tierra quema como la brasa y la luna envuelve todo con su blancura helada?

— No sé. Mi caballo está cansado, no quiere andar más. Ni siquiera sé donde me encuentro.

— Ya entiendo. Te has perdido, por eso has llegado hasta aquí. No conosco a nadie que se haya detenido en este pueblo sin haber confundido su trayecto.

— ¿ Dónde estoy?

— Al final del sendero, entre las palmeras reales, se encuentran las siete ciudades. Y allí, a la orilla del río, el camino del fin del mundo.

— ¿ Las siete ciudades, el camino del fin del mundo? No entiendo.

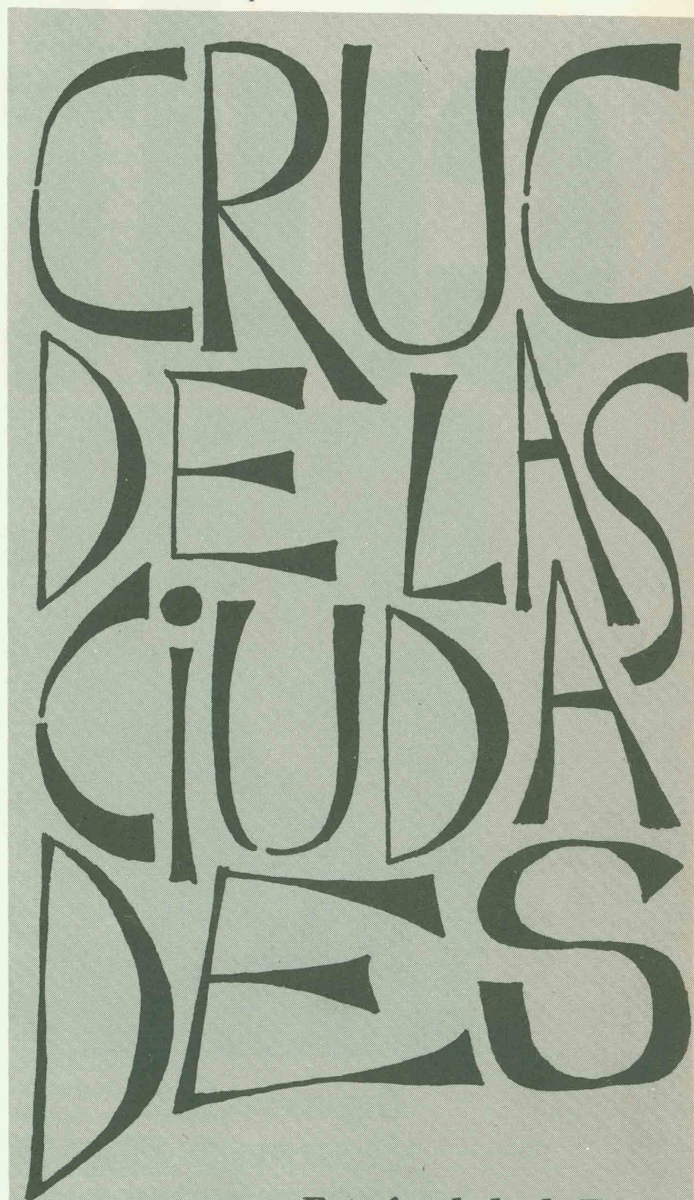
— Muy sencillo. El mundo se ha creado para que los hombres se pierdan en él, no tiene límites, es inabarcable.

— Todo eso ya lo sé.

— Hace algún tiempo llegó a esta región un hombre, quizá el más abandonado de los que hayan existido jamás. No tenía nada, ni siquiera la esperanza del regreso o la confianza en el camino de la que tu hablas.

— Ya.

— ¿ Como te iba diciendo. Nada. No tenía nada. Y llegó a esta región cuando nadie la habitaba. Se podía imaginar que la tierra no continuaba, que no había nada más tras estos campos. Eso mismo pensó él. Y decidió construir un templo en el vértice de los parajes, un faro que le conectara con el vacío de los astros. Así comenzó su obra. Era trabajador y pronto fue dando forma a los romos peñascos. Quería reflejar todo lo que había visto a lo largo de su vida, incluso los sentimientos más escondidos, esos que se manifiestan por un gesto interrumpido, por un balbuceo que no llega a convertirse en una palabra. Tallaba en piedra, con esfuerzo, esas imágenes que le habían arrojado al extremo mismo del mundo. Así construyó siete ciudades con esqueletos de ideas.

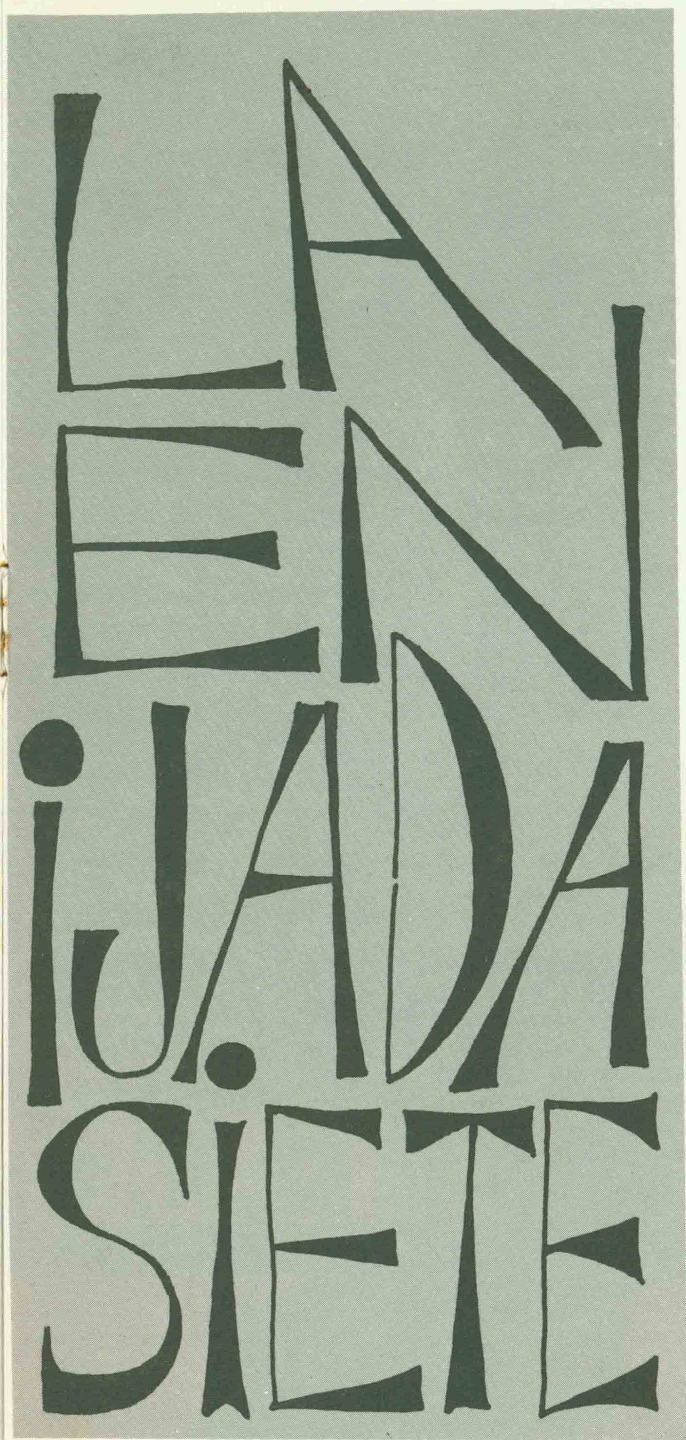


Este é o dedo de Deus
milagre a inscrição
isto tudo são mistérios

Francisco Peres de Souza

(História das sete cidades e a Deusa da encantaria)





— ¿La puerta?

— Es un arco en roca viva. Dicen que un niño jugando la atravesó. Nunca más se supo de él. Desapareció para siempre.

— Ya.

— Pero entonces, cuando aquel hombre vivía, y aunque viejo habitaba en su extraño paraíso, se contaban otros prodigios. Un vaquero que llegó a estas tierras enloqueció una tarde soñando que la sombra de un pájaro de piedra le perseguía. Después se descubrió el camino y aquella cantera transformada en santuario se inmovilizó. En uno de sus recodos estará enterrado su creador. Aquello dejó de ser el límite del mundo.

El camino. ¿Te hablé de él? Apareció poco después de la muerte del escultor de las siete ciudades. Junto al río. Era una senda sin otros horizontes que los desniveles del terreno. Dicen que no tiene fin, que el que se aventura por él no llegará a ningún sitio. Resido aquí desde hace mucho tiempo. De todos los que vi extraviarse en aquel sendero, ninguno regresó. Esta es la última posada. Si deseas seguir vivo, vuelve sobre tus pasos.

Ya se ha hecho de noche. Los crepúsculos no duran mucho. Esa llamarada que ves allí es la luna. Te conviene descansar, mañana tendrás que volver a tu tierra.

De repente te has quedado callado. Deja que te ayude, descendiende de tu montura. Tu cuerpo está helado. Y tu caballo... no tiene cabeza!... Entonces... tú también estás muerto!...

— ...

Un llanto sideral hace temblar las palmeras. Después el gélido brazo de la luna sepulta todo en el silencio.

— Cómo son?

— ¿Las siete ciudades? Hace tiempo que no me pierdo en ese bosque de bloques labrados. La última vez que las visité tuve mucho miedo. Imaginé en la falda de una montaña la capa ocre del diablo, y al acercarme creí que volvía su cabeza de roca, sus ojos de fuego. No regresé. Pero no siempre me ha sucedido lo mismo.

Hay lagos de aguas cristalinas, flanqueados por montañas esculpidas que al reflejarse configuran rostros humanos. A veces parecen sonreír, otras adquieren un rictus irónico y se vuelven peligrosos. No todo asusta.

Hay también membras de extraordinaria belleza con el rostro velado y en su cabeza crecen siemprevivas amarillas, engalandolas como a mujeres de carne. Tiene jardines y batir de fuentes y luego... la puerta.

Eles, os assassinos, os pequenos homens criminosos que preparam a guerra, os dos vís interesses e da ignóbil conspiração contra a humanidade, estão reunidos, planejando sua aventura de morte e de desgraça.

Por isso não falarei dos teus olhos, nem do gosto dos teus lábios, nem do mavioso da tua voz. Falarei somente da certeza e da esperança.

Eles, os assassinos, os homens da guerra, os que querem matar os velhos e as crianças, os que ameaçam com a bomba atômica, estão reunidos contra o homem, contra a vida, contra a beleza e contra o amor. Estão reunidos contra mim e contra ti, contra o cravo e contra a rosa, contra a papoula e a açucena, contra a poesia e o amor. Não podemos, amiga, esconder-nos em nossa ternura, refugiar-nos fugitivos em nossa alegria. Porque também nossa ternura e nossa alegria, toda a ternura e toda a alegria do mundo estão ameaçadas. Tudo que é belo e bom, tudo que é dignidade do homem, tudo que é felicidade está ameaçado pelos monstros que tramam a guerra.

Estão ameaçadas as árvores e seus frutos, as mães e suas crianças inocentes, as jovens e seus sonhos de amor, o laboratório e o livro, a honra da mulher e a decência do homem.

Vês os vestidos claros, de cores alegres, das moças que passam, o sorriso feliz das jovens esposas com seus bem-amados, o cáldo olhar da noiva que vai pelo braço apaixonado do seu noivo. Querem vestir de luto amargo, de pesadas cores negras, as moças todas do mundo; querem encher de lágrimas os olhos das esposas, de amargura o coração das mães, querem cortar para sempre a alegria da face das noivas. Eles, os assassinos, os homens da bomba atômica, os linchadores de negros, os que perseguem poetas e romancistas. Do alto dos seus cofres repletos de dólares eles ameaçam o mundo, ameaçam a ti, a mim e ao nosso amor, com a guerra, com a sua guerra injusta, criminosa e anti-humana.

Vem comigo
da esperança

Nada te direi, amiga, o
da papoula e da tulipa, da co
Nesta noite quase morna esqueço
não entoarei o louvor dos
da doce primavera
Palavras de amor não
silenciarei sobre os teus
sobre a carícia o

Da esperança
eu te fa

Porisso, amiga, não será de amor que te falarei nessa noite de doce primavera se derramando sobre nós. Não me esconderei no refúgio da tua ternura, quero ficar contigo em meio dos homens lutando sua batalha, ganhando com eles a paz, a vida para o cravo e para a rosa, para as crianças e para os esposos e noivos. Só da esperança e da certeza eu te falarei nessa noite.

FALA

DA

IPDA

AMADO

e te falarei
e da certeza.

dos cravos e das rosas,
colorida geografia das flores.
eremos o perfume dos jacintos e
teus olhos, não te falarei
sobre as ruas da cidade.
te vou murmurar,
cabelos, sobre tuas mãos,
dos teus lábios.

e da certeza
falarei.

Porque conosco está a esperança e a certeza, conosco está a palavra definitiva e última, o gesto que impedirá o crime, a força que desarmará o braço assassino. Conosco amiga, que somos o povo, os pobres e os humildes, que não estamos assentados sobre cofres, mas que temos os pés apoiados sobre a terra. Nós que somos o povo, imortal e invencível. Conosco está a esperança e a certeza.

FALAREI

Não permitiremos que eles, os conspiradores da vil conspiração, cubram a primavera com a noite da guerra, esmaguem o calor humano das mães e das esposas com o frio dos campos de batalha, que eles substituam o amor pela morte. Somos o povo e a nós cabe resolver sobre o homem e seu destino. Somos todos os povos reunidos e mais podem nossas mãos e nossos corações que as armas acumuladas. Mais poderosa é a nossa vontade universal. Dessa certeza te falo, amiga, dessa certeza de que derrotaremos os homens da guerra, de que os faremos recuar e de que amanhã a ameaça terá passado e marcharemos pelo caminho livre dos povos.

Amanhã, amiga, te direi palavras de amor, te falarei dos cravos e das rosas, da ternura dos teus olhos e do calor do teu sorriso. Amanhã quando a ameaça do crime houver passado. Amiga, tudo que amamos, tudo que faz a beleza e a dignidade da vida está em perigo. A branca farinha e o canto das aves, a jugosa fruta que mordem teus dentes e o livro de poemas que lês enternecida, a criança que sorri e murmura uma palavra inteligível em sua língua de infante e a velha avó de trêmulas mãos amantíssimas. Mas, tudo pode ser salvo se nos unimos e se colocamos a paz sobre todas as coisas nessa hora incerta de ameaças. Nossa esperança, amiga, está nos povos, nossa certeza, amiga, está em sua união contra os criminosos.

Dá-me tua mão, safamos pela rua, tomemos de outras mãos, de todas as mãos pacíficas, e juntas nossas mãos, as mãos de todos os povos, poderemos então falar das flores e da primavera, de teus olhos e do amor, porque mais fortes que o crime, mais fortes que os donos do dinheiro, mais fortes que toda e qualquer ameaça, são os povos e a sua certeza, a sua decisão de paz. Hoje te direi apenas uma palavra, amiga, é também uma palavra de amor. Paz, eu te digo, paz a todos os homens, paz que todos os homens vamos juntos conquistar.

Inauguras o universo com teus olhos,
As linhas do caos convergem nos teus lábios.
Preenches o mundo com a paz de teu cheiro lácteo
enquanto eu colho em teus cabelos as linhas
com que passo a urdir meus versos
que te cantam

que te tocam

que te beijam

o corpo suave.

Apaixonei-me por ti desde a gênese
e no juízo final sucumbirei ainda
pela força de tanto amar-te!

Mas no ínterim

respiras

na eternidade —

coincidência de nós dois —

ressuscita-me

e arrasta-me na glória de teu ser
pequeno

pregnante do homem que um dia
isolarei entre os meus braços.

Quando deitas ao meu lado,
trazes a profundidade do oceano
magia de mar habitado:
peixes, corais, crustáceos,
outras circunstâncias da água,
dos sais os mil alabastros
escondem-se nesse sorriso
que esboça a tua boca,
quando deitas...
No teu ressonar cansado e leve,
sinto a descida das aves que num instante
renunciam ao vôo a que renunciás
enquanto procuras dormir...

Quando deixas pousar sobre meu corpo
inerte o braço que antes me percorria,
tens a calma de um poço
e, das fontes, guardas todos os segredos.
Guardas profecias e sementes,
rompes os poentes e, em um sopro,
tu fazes viver sereno o Dia,
quando silente pousas junto a mim.

Quando te deixas ficar fechados os olhos,
teu respirar evoca a plenitude de planícies desertas,
dos ermos tens os excessos, a abundância!
Tens recessos de colinas obscuras,
tens um rio que as grutas ilumina, embriaga e ilumina,
enquanto o corpo tu repousas tão próximo ao meu.

Quando em teu sono te isolas,
te esvais em ti mesmo
e te derramas, permanecendo ainda,
és a tua multidão interior que se faz síntese
e és o outro, o inédito,
esse, o que a cintura me enlaça...
Tu és o Deus
que junto a mim SE deita!

E quando dormes ao meu lado,
és tão somente tu
que, num parêntese,
dormes ao meu lado,
eu que não durmo e acaricio teus cabelos
entretida em adorar-te,
desfrutando o teu mistério



Ilustração de Dilson Midlej

Seus cabelos
são pretos como
o carvão e lisos como a seda. Ao
primeiro sol da manhã minha alma
entrava em pânico e, desesperada,
tentava chegar ao ponto de
observação para o meu primeiro
contato visual. O rosto tem uma
forma geométrica em que a linha
da orelha ao queixo estabelece um
ângulo de virilidade que deixa
cicatrices arroxeadas em meu
corpo a cada bocejar seu. Os
olhos invadem meu sistema nervoso
numa mistura incompreensível de
cores. O nariz insolente caminha
em direção à boca sensual, que
arrepia cada um dos meus poros
ao toque da escova de dentes. As
orelhas não se fazem surdas ao
resto de sua beleza e acompanham
esse semblante dionisíaco.

Tatagem

Cadeiras, cadeiras, cadeiras. Elas estão por toda a casa e, acintosamente, lembram-me o quanto as pessoas são felizes passando de um lado para outro. Há muito não tenho as pernas, não importa, as cadeiras as têm. A infelicidade é o olhar de pena que todos transmitem com o pensamento em preto e branco. Fico parada olhando o vazio e tento aumentar insolente meu espaço indo da sala para o quarto. Logo tenho de parar pois começo a suar por todos os poros. Não existem alegrias e todas são sempre acompanhadas de algo muito doloroso. Existe uma surdez aos meus pedidos, minhas súplicas. Ele sai. Não o vejo mais. Começo a aguardar ansiosa sua volta. Não existe algo melhor na vida do que o retorno. Retornar para um lugar querido, para uma pessoa amada. Retornar a andar.

Durmo muito, talvez efeito de tantos remédios. A única vantagem é que sonho muito também. Ele está sempre ao meu lado. Passo a mão pelas suas costas e sinto os músculos do seu tórax de encontro aos bicos de meus seios. Tudo parece tão perfeito. Os sonhos são geralmente perfeitos, mesmo quando pesadelos. Suas formas são fortes, não muito, para não deformar, com poucos pêlos dourados intensamente pelo sol, tornando-as de uma sensualidade pulsante. O bater de seu coração, o respirar, tudo em um compasso excitante. As costas lisas e brilhantes, a coluna ereta e minhas mãos, mais do que rápidas, já estavam a friccioná-las. Acordava sempre nesse momento e desesperada tentava voltar a dormir e a sonhar o mesmo sonho.

Há muito não sentia, nem conseguia tocar nos meus seios. A sensualidade perdida em uma virose irônica já me fazia crer que não estavam mais ali. O contato com a camisola me provoca cócegas. Engraçada a vida, triste maneira de dizer: *estamos aqui, vivos*. A dependência de tudo e de todos tornava cada parte de meu corpo dependente das pernas. Engraçada a natureza, os desejos são proporcionais à perfeição. Não os sinto, consequentemente não sinto raiva em não poder obtê-los, mas gostaria muito de sentir raiva. Os sentimentos se tornam pedaços de um vidro quebrado e os cacos que ainda brilham cortam os desejos. O acordar é sempre penoso e monótono, ainda mais quando se passa noites de observação e insônia.

Os braços são bem delineados e alongados. Um tigre tatuado no esquerdo. Os dedos um pouco curtos, mas prontos para carícias inimagináveis. Pareciam feitos para criar. As pernas fortes, coxas roliças e atraentes. As nádegas pontudas lembravam uma cabrocha descarada. Um jeito matreiro que poderia atrair os menos desavisados ou mesmo os mais avisados. Os pés — geralmente algo de muito feio — são perfeitos, proporcionais à sua altura, esculpidos não para caminhar, mas para dançar ao compasso de minha imaginação.

Depois de sua saída corria para a janela da varanda.

Do sonho para a realidade. Inútil. Meus braços frágeis cansavam ainda no meio da sala e as mãos sentiam que aqueles calos não seriam nunca uma obra de arte. As nádegas estavam cansadas de tanto ficar naquela posição, se é que ainda existiam. Ao lembrar das pernas um veneno percorria todo meu corpo. Não que as odiasse, mas preferia esquecê-las. Impossível. Todos os dias uma massagista fazia questão de colocar todos seus sentimentos e técnica numa gangrena inútil e provocante. Os pés... coitados, visivelmente constrangidos por estarem apenas pendurados.

Quando será que os dias serão mais curtos? A tarde brinca com meus pensamentos e volto à janela envolta naquela característica dos que esperam um julgamento.

O ar está quente, úmido, assim como o seu corpo. Ele não sabe da minha existência mas sinto no seu rosto uma malícia diferente esta noite. Da minha janela vislumbro seu banheiro escandaloso. E nada mais sutil do que um corpo de cueca. Revela desejos inconscientes e escandalosos. Comecei a viajar em seus desenhos e delinear, como um artista, cada parte de seu sexo.

Suas mãos escorregam em direção às nádegas e lentamente retiram a última peça. Os pêlos de sua púbis me ofuscam. Senti minha mão se perpetuar na calcinha e fazê-la escorrer por minhas pernas e parar no joelho. Ele alisava seu corpo e sonhava. Seu sexo já estava ereto apontando para minhas culpas. Minha mão já descobria o abismo do umbigo onde não existe cordas, nem pontes, para se retornar. O tigre do seu braço esquerdo começou a se mover num vai-e-vem constante atacando a minha esterilidade. Suplicava que parasse mas ele continuava a avançar com suas presas cravando-as fundo em minha vagina. Ele se contorcia contra a parede, alisava seu corpo, gemia. Os meus dedos se contorciam, alisavam, gemiam. Um líquido quente começou a escorrer aquecendo minha alma. Todo o meu corpo estremeceu ao enrijecer do dele. Não tinha coragem de olhar.

Depois de algum tempo levantei a cabeça de soslaio. O seu sexo já não apontava mais para mim, apenas seu olhar. Seus lábios em silêncio diziam tudo através do sorriso. Eu padeci com uma cor rubra.

Paulo Ribeiro tem 29 anos, é redator de publicidade. Em 1985 ganhou o prêmio Brasília de Literatura/Teatro Adulto. Inédito.

Dilson Midlej tem 27 anos. É artista plástico da nova geração baiana.

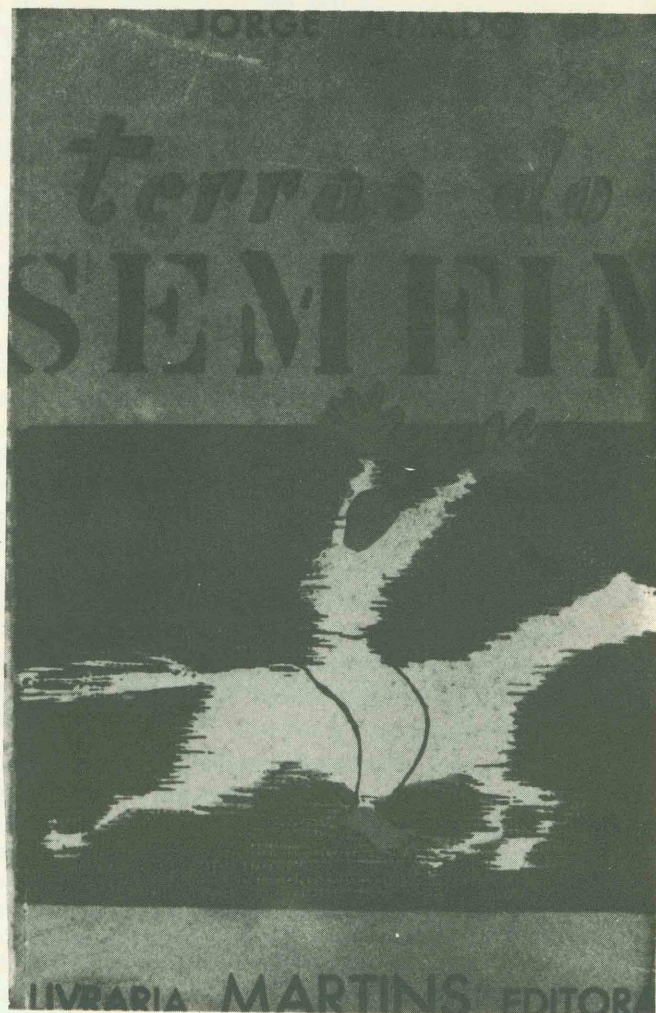
MARIA DE LOURDES
NETTO SIMÕES

A FACE

Jorge Amado detém a sua cosmovisão criadora, no que se refere às suas obras situadas no chamado ciclo do cacau, na Região Cacaueira da Bahia, nomeada por ele próprio *terras do sem-fim*.

Nascido em Ferradas, município de Itabuna, descendente de fazendeiros de cacau, em verdade recorre à memória do menino (como ele mesmo afirma em **Terras do Sem-Fim**: *um menino que anos depois veio a escrever as histórias dessa terra*).¹ Assim cria, na Literatura Brasileira, o *ciclo do cacau*.

Inicia o seu percurso literário em 1932 com **Cacau**, onde com *um mínimo de literatura e um máximo de honestidade*,² segundo ele julga, denuncia os desmandos sociais, a prepotência dos coronéis e a servidão dos trabalhadores rurais.



OBSCURA: A COSMOVISÃO DE JORGE AMADO EM TOCAIA GRANDE

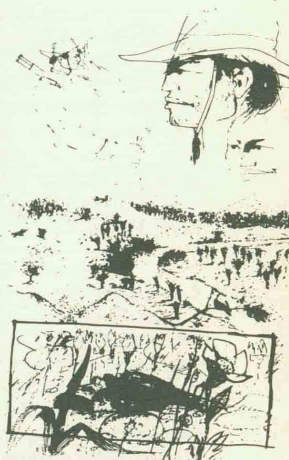


Ilustração de Floriano Teixeira originalmente publicada no livro *Tocaia Grande*, a face obscura, de Jorge Amado para a Editora Record.

no visgo do cacau, prende as pessoas à terra e as torna grapiúnas. No que diz respeito à relação realidade/ficção à questão da cosmovisão, essa civilização é, então, ficcionada a partir da versão do poderoso, da ideologia dominante.

Assim, é pela memória de filho de fazendeiro que Jorge Amado forja o seu processo criador de contador de histórias. Da conquista feudal em *Terras do Sem-Fim*, à conquista imperialista dos exportadores em *São Jorge dos Ilhéus* e, ainda, à demonstração da força política em *Gabriela, Cravo e Canela* traça o perfil do coronel, do poder do mais forte, da saga do cacau, da saga da nação grapiúna.

Quarenta anos depois publica *Tocaia Grande*⁶ (1983). Retoma o tema da saga do cacau e reconta a história, agora de outra versão do acontecido: não mais a da verdade oficial, a da ótica dos poderosos coronéis, mas a daqueles lutadores que ficaram esquecidos e injustiçados. Conta a *face obscura*, como a denomina ele próprio. Então, ele, o artista, que antes se colocara a serviço da ideologia marxista, em compromisso de denúncia, prioriza agora o seu papel de artista e, em postura contra-ideológica, reconta a saga da sua gente. Assim é que, como pensa Bakhtin, *tudo signo ideológico vivo tem, como Jano, duas faces. Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de parecer para alguns a maior das mentiras*.⁷

Por esses caminhos *Tocaia Grande* enfoca o verdadeiro herói esquecido. A temática é a mesma:

a do aspecto social do cacau; o chão é o mesmo: aquele do sul da Bahia *adubado com sangue*; a perspectiva, entretanto, é diferente: é a do resgate dos verdadeiros heróis, através da evolução sócio-cultural de uma comunidade e da demonstração de valores como liberdade, solidariedade — valores esmagados pela violência da conquista do cacau.

Se, então, a primeira fase da obra de Jorge Amado é de maior comprometimento ideológico, configurado pela denúncia social de base marxista, *Tocaia Grande* é a retomada da saga do cacau, onde a denúncia aparece como pano de fundo, carregada de humor satírico. Nas duas perspectivas são revelados os costumes da civilização do cacau; seus valores, suas crenças e, mais que tudo, sua corrida para e pelo poder. É bem como reflete Harnecker:

*A ideologia impregna todas as atividades do homem, compreendendo entre elas a prática econômica e a prática política. Está presente nas atividades e nos juízos políticos, no cinismo, na honestidade, na resignação e na rebelião, governa os comportamentos familiares dos indivíduos e suas relações com os demais homens e com a natureza. Está presente em seus juízos acerca do sentido da vida.*⁸

A sociedade sustentada pelos níveis econômico, jurídico-político e ideológico, como a entende a teoria marxista,⁹ nessas narrati-

Nas narrativas que compõem a sua primeira fase, a do chamado ciclo do cacau, portanto, o tema é o da conquista da terra. A ideologia é a do coronel do cacau; assim é que, como afirma Marx, *as idéias dominantes são as idéias da classe dominante*.⁵ A postura do artista é, então, a do comprometimento ideológico, a da denúncia da injustiça social, de denúncia da exploração do trabalhador. Nessa perspectiva, a ambição é a mola propulsora dos indivíduos. O poder é do mais forte e matar é demonstração de poder, ato de bravura, vínculo com a cultura e os costumes da terra.

É por essa ótica que Jorge Amado conta a civilização do cacau, o crescimento de Ilhéus, o nascimento de Tabocas, depois Itabuna. A ambição, simbolizada

Em *Terras do Sem-Fim*, em 1942, narra a epopéia das terras do cacau, a história da sua região natal. Pela distância da memória, pela distância geográfica (em exílio), pelo próprio processo criador, traça o perfil dos desarvorados coronéis. Pela bruma da memória, portanto, mitifica os senhores do cacau, seu poder e coragem. Relata, assim, a conquista da terra. Relata com base na história oficial, a da ideologia do poder, como o faz em *São Jorge dos Ilhéus*,³ ou mesmo em *Gabriela, Cravo e Canela*,⁴ posteriormente. Este último (1958) representa linha divisória na obra do autor que, em seguida, sai das terras do cacau para voltar-se, ainda na ótica do social, para o picaresco, fixando-se prevalentemente em personagens femininos e afastando-se da ambiência regional.

Ilustração de Sana Rosa originalmente publicado no livro *Cacau*, de Jorge Amado, para a Ariel Editora.

vas de Jorge Amado tem bem definidos esses níveis em infra-estrutura para, em super-estrutura traduzirem a ideologia do poder.

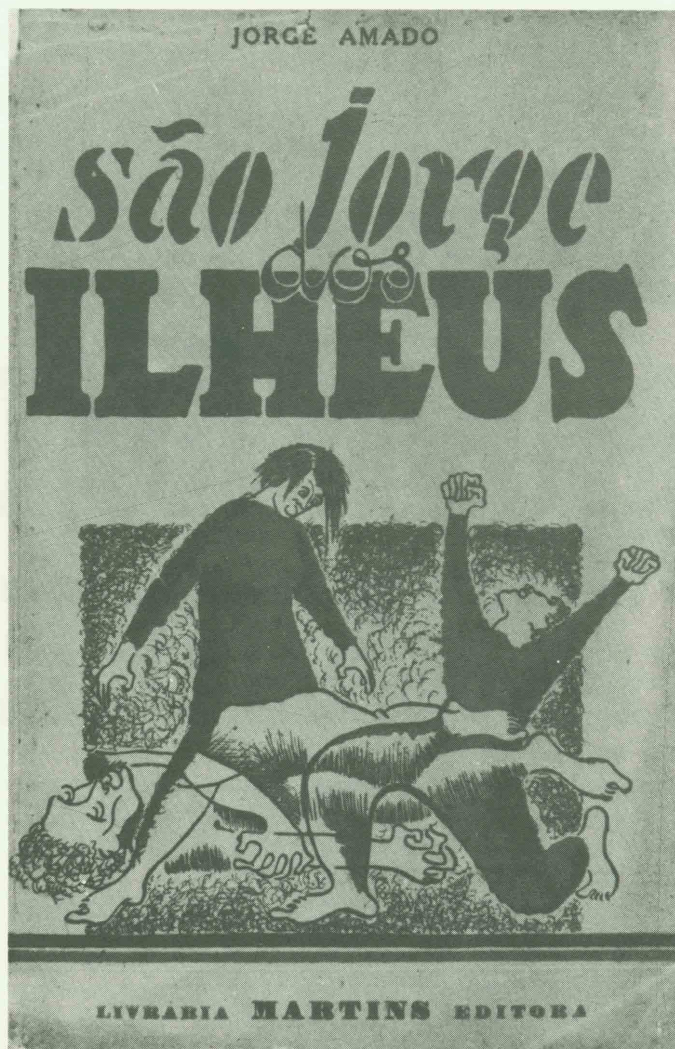
O sabido e o acontecido, por vezes, têm distância bastante grande. A verdade oficial, em geral, é a verdade da lei "lei", do poder; nem sempre a verdade acontecida. O tomado do real para ficção, segundo a cosmovisão do artista, poderá vir dessa verdade aparente, oficial; ou mesmo daquela verdade às vezes desconhecida, obscura, vencida pela força, mas ganha porque salvaguardada a liberdade. Ainda aí está a relação de poder: a verdade oficial é a do mais forte, a do vencedor pela violência, pela força. O vencido, muitas vezes, é aquele que prefere perder o poder, a riqueza, mas não perder a dignidade, a liberdade.

A ótica de J. Amado agora é a daquele que se preocupa com o processo cultural, com a existência, com a versão do relato. Daí o processo criador, como o próprio autor anuncia é o do relato da face obscura. Aquele relato que os jornais não noticiam porque desfavorece ao poder. O relato é o da ideologia da minoria esmagada. Quando refere à versão do poder, o narrador o faz ironicamente. Bem a propósito comenta Bakhtin:

Nas condições habituais da vida social, a contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque, na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. Donde o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante.¹⁰

Assim é acontecido em **Tocaia Grande**. Narra a saga de Tocaia Grande, Irisópolis segundo o nome oficial (embora ficcional), desde os seus primórdios. A cidade cresce com o crescer do livro em estrutura e relato: o lugar e o ponto de pernoite e o arruado e o lugar-rejo o povoado e o arraial e a cidade do pecado e o couro dos bandidos | Irisópolis |.

A estrutura traduz o sistema ideológico: dominador / dominado. O livro abre em inversão temporal, com o epílogo que sumaria a história oficial: a instituída pela ideologia do poder; aquela vencedora, da classe dominante — a dos coronéis. Síntese de tudo, como se toda a luta relatada ao longo das sete partes, em postura da versão do anti-herói pudesse ser



sumariamente apagada pelo poder em apenas duas páginas, síntese de uma epopéia: a versão do poder.

Depois, ao longo das sete partes, a versão não-oficial é apresentada. Gradativa e sutilmente, Jorge Amado refere-se à ideologia do poder e em postura contra-ideológica evidencia os outros valores próprios dos transgressores; dominados, mas não subjugados; perdedores, mas não perdidos. Aqueles que morreram defendendo a sua ideologia: liberdade, dignidade, integridade social e existencial.

Então, é bem como comenta Althusser: *o que está representado na ideologia é a relação vivida dos homens com a realidade: uma relação com as reais condições de existência.¹¹*

Assim são as sete partes da narrativa. Conta de mentiroso, diz o povo; (face obscura do acontecido, segundo o ficcionista). O livro se estrutura em inversão temporal. Inicia com o relato irônico da comemoração da fundação de Irisópolis, hoje município festejado, resultado dos feitos heróicos do coronel e doutor Boaventura, segundo ironicamente conta o narrador; antes Tocaia Grande, nascida da bravura de gente esquecida, esse o verdadeiro herói. A versão que, segundo Jorge Amado, está na face obscura, é aquela que não pertence ao poder, nem à lei. Pertence aos valentes, aqueles que acreditam na liberdade e

solidariedade. Essa versão, a da face obscura é que o autor tomou para o seu relato porque quer, como ele próprio afirma,

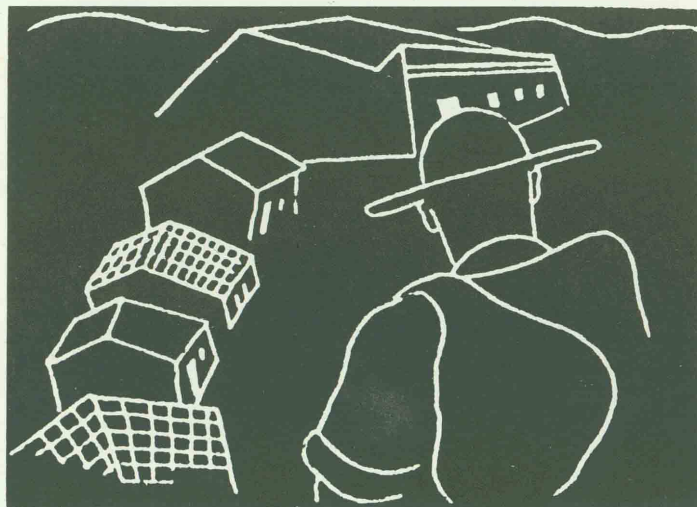
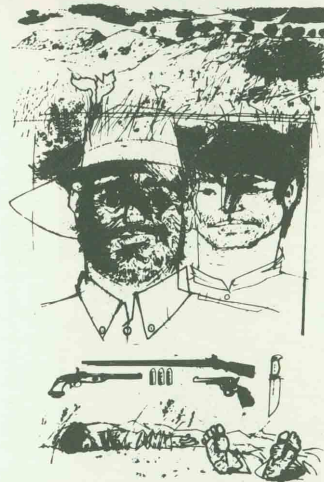
descobrir e revelar a face obscura, aquela que foi varrida dos compêndios de História por infame e degradante; quero descer ao renegado começo, sentir a consistência do barro amassado com lama e sangue, capaz de enfrentar e superar a violência, a ambição, a mesquinhez, as leis do homem civilizado.¹²

Assim é, também da parte do autor, a rebeldia ao poder, ao falso moralismo e à falsa fé. A rebeldia ao impuro em nome da pureza. O seu compromisso é com a verdade, não com o poder ou a lei. Por isto afirma: *digo não quando dizem sim, não tenho outro compromisso.¹³*

A primeira parte do livro nomeia e inicia o relato: o lugar. É o local da tocaia, estratégia de luta e sangue para conquista pelo coronel; fato histórico e depois, e por isto mesmo, nome do lugar: Tocaia Grande. Agora somente lembrança do acontecido assim denominado por ter sido cenário de tenebrosa emboscada seguida de matança a sangue-frio alguns anos antes nas desapiedadas brigas dos coronéis pela posse das derradeiras matas. (p. 41).

O código de justiça e honra era então, nessa perspectiva, o ditado pelo coronel porque ato de dominação. O poder estava do lado da força, da violência, do dinheiro. O preço da fidelidade não era amizade, mas sim o dinheiro. A traição era punida com morte. Dessa forma, a conquista da terra se fazia pela força: a luta e depois o caxixe, forma de forjar documentos — primeiro a tocaia, depois o caxixe; melhor dito, primeiro a trampa depois a lei (p. 29).

Por esses recursos, riqueza e poderio garantiam a "paz". Foi o tempo da conquista.



Agora é a luta pela produção. Com o crescer do povoado a luta é agora a do poder político. Assim é que Tocaia Grande, depois Irisópolis, começou como ponto de pernoite. Foi o começo do povoado, foi simbolicamente o local do encontro dos elementos formadores da nação grapiúna. Daí teve início a miscigenação de chegantes de raças e credos diferentes, que resultou na formação do grapiúna.

Jorge Amado, em *Tocaia Grande* realiza resgate cultural no que se refere a formação da nação grapiúna: seu povo, sua cultura, suas origens. O árabe, o negro, o sertanejo-sergipano. Desses três elementos surgem o coronel, o trabalhador rural ou mesmo o comerciante, segmentos sociais básicos da região do cacau.

O sistema ideológico da nação grapiúna traduz a influência desses três elementos, notadamente através dos costumes sertanejos, das crenças dos negros e da ambição do árabe. O sistema ideológico, portanto, revela-se através do conteúdo do nível ideológico enquanto *sistema de idéias* (as ideologias em sentido restrito) e o *sistema de atitudes* — os *comportamentos sociais* (os costumes¹⁴), como ensina Harnecker.

O sistema de idéias em *Tocaia Grande* abrange principalmente as idéias jurídico-políticas, moral e existencial. Na observação desses níveis, a questão dos valores da região configura-se e conseqüentemente a ideologia do povo grapiúna se evidencia, a partir mesmo da sua origem.

Como orienta Harnecker, *estas idéias ocorrem sob a forma de diversas representações do mundo e do papel do homem nele*¹⁵.

O árabe Fadul representa o elemento branco das terras do cacau. Com ele traz um dos valores mais fortes dessa gente: a ânsia de enriquecer — *enriquecer é a meta de todos os homens; para alcançá-la Deus lhe dá alma e inteligência* (p. 37)

O comércio é uma das formas de alcançar a riqueza, objetivo último. O árabe se instala na Região do Cacau, terra de se ganhar dinheiro e faz dela a sua pátria.

a pátria de um cidadão é o lugar onde ele sua, chora e ri, onde moureja para ganhar a vida e construir casa de negócio e residência. (p. 38)

Luta pelo poder do dinheiro (o de mando é dos coronéis). Acredita que *o homem rico é respeitado por seus semelhantes e bem visto por Deus* (p. 38). O árabe representa ainda a força do trabalho. É o que ganha porque moureja já que *nas brenhas do cacau, quem quisesse juntar dinheiro sem possuir roça plantada em terra própria tinha que multiplicar suas aptidões* (p. 40)

O segundo elemento contribuidor do crescimento de Tocaia Grande é a cultura negra, representada pelo negro Castor Abduim da Assunção, vindo de engenho do recôncavo. Com ele trouxe a crença nos orixás, no candomblé e o sentimento da importância da liberdade

o sonho de Castor era montar uma forja de ferreiro num dos novos povoados, trabalhar por conta própria, não servir a patrão por melhor que fosse. (p. 57)

Numa comunidade de forasteiros como era Tocaia Grande sucediam-se *levas e levas de sergipanos* (p. 190), o terceiro elemento. Distanciados pelo poder econômico, esses habitantes eram os verdadeiros heróis, aqueles que em verdade formaram e criaram a civilização do cacau.

Nessa comunidade, a lei, o código de honra é o da solidariedade: *mexeu com um, mexeu com todos* (p. 187).

A assimilação dos novos valores, assim, impostos pelo cacau, determina a formação da nação grapiúna. A miscigenação de hábitos, culturas e valores acontece, fatalmente



Cruzam-se hábitos, maneiras de festejar e chorar.

Misturam-se sergipanos, sertanejos, levantinos, línguas e acentos, odores e temperos, orações, pragas e melodias. Nada persistia imutável nas encruzilhadas onde se enfrentavam e se acasalavam pobres e ambições providas de lares tão diversos. Por isso se dizia grapiúna para designar o novo país e o povo que o habitava e construía (p. 191).

Daí, portanto, definem-se os segmentos básicos dessa sociedade que gradativamente vai-se configurando, assimilando costumes e assumindo valores: o coronel, o trabalhador rural e o comerciante.

Nesse mundo do cacau, a alegria e a tristeza do coronel e, conseqüentemente, do seu povo depende da safra. A chuva e o sol são elementos indispensáveis.

Coronéis e capatazes, jagunços e alugados viviam de olhos voltados para os céus em busca de sinais anunciadores ora de chuva, ora do bom tempo: para que na força das águas os cacaueiros rebentassem em flores e no brilho do sol os brotos crescessem vigorosos e se acendessem em ouro (p. 64).

O econômico e o cultural, ao lado do ideológico configuram o povo. A própria estrutura do texto evidencia isto. O crescer da cidade (que cresce com o texto) acontece com ênfase no aspecto econômico. O ideológico fica por trás, permeado no econômico.

Já de começo o arruado é impulsionado pela bodega do árabe comerciante Fadul; é quem representa a ambição de ganhar dinheiro, caracterizadora da região.

Ainda impulsionado pela ambição, embora movido pela necessidade de segurança, é o sergipano-sertanejo que além disso contribui marcadamente com os hábitos alimentares, com os costumes, a disposição pelo trabalho seja ele da lavoura ou do comércio. É aquele que perpassa por todas as classes seja do lavrador ao coronel; desde o que serve e é submisso ao que conquista, tem o poder político e o mando.

Na observação da formação das classes sociais, na acepção dominador dominado, segundo a entende Marx, o poder de mando é sempre do coronel, pela persuasão ou pela força,

o coronel do cacau falava grosso na política, ditava leis na justiça, dava ordens no cartório. (p. 98).

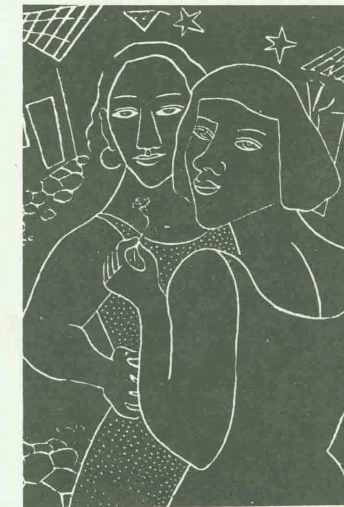
A cultura, a instrução é vista como elemento fortalecedor do poder do coronel. Assim são os advogados úteis sem dúvida, indispensáveis exatamente para coonestar as violações do direito e da justiça (p. 99). O diploma significa poder, não pela cultura em si, mas pela possibilidade de com mais segurança promover o poder, fazer o caxixe:

o título de doutor vale tanto quanto uma boa fazenda, chave para abrir as portas da política e proporcionar o casamento afortunado. (p. 101)

O poder é também caracterizado pela possibilidade de ter pessoas à soldo, à mando: *chefe político do município, senhor de baraço e de cutelo* (p. 106). Os artifícios para a conquista da terra são a violência e o uso da força, "sabedoria" e prestígio; os caxixes substituíram as tocaias nos recentes conflitos entre coronéis do cacau pela posse das áreas devolutas (p. 97). A autoridade do coronel é salvaguardada através da vingança e da morte pelo jagunço.

O poder, por outro lado, é também o da posse sobre as pessoas. A sociedade é machista, onde ao homem é dado todo o direito e à mulher todo o dever de obedecer, ser submissa e servil.

O casamento é transação comercial, onde o dote é uma forma de pagamento. Dessa forma, segundo a ideologia do poder, a mulher é esposa submissa ou prostituta de boca de rua que tem por ofício satisfazer às necessidades do macho. Perpassa, por vezes, nisto tudo a ironia do autor, denunciadora da sua postura contra-ideológica: *coisas que acontecem* (p. 116).



Ainda neste sentido, a concepção ideológica é de que a força e valentia é característica masculina. Quando a mulher demonstra bravura, como D. Ana Badaró em *Terras do Sem-Fim*, ela o faz não por ser mulher, mas por estar vestindo a pele do coronel.

Em *Tocaia Grande*, entretanto, por trás da denúncia ideológica da mulher frágil, há a transgressão contra-ideológica de uma Coroca que representa a valentia, a dignidade e a força da mulher, embora ironicamente, no contexto social seja simplesmente uma prostituta. Por sua fibra, cresce socialmente; daquela que "faz" a vida, torna-se parteira, a que representa a vida que surge e que, por sua força, se impõe e determina a transgressão ideológica:

uma luz brilhou no juízo de Fadul e ele entendeu que bravura, sabedoria e decência não são privilégios dos machos, dos ricos e dos fortes, são apanágio de qualquer mortal (p. 147)

Gradativa e sutilmente, com o crescer do relato, cresce a contra-ideologia que o artista revela por sua postura irônica, bem como na configuração dos personagens

caracteristicamente contra ideológicos como o negro Abduim ou a prostituta-parteira Coroca. Evidencia-se, principalmente através deles, a versão da face obscura da ideologia da região, aquela que o poder não permite, que o dominador termina por esmagar. A ideologia do artista, por outro lado, também traduz o sentido de liberdade que o autor empresta aos seus personagens.

Dessa forma o lugarejo cresce em expansão da população e do poder econômico, pois que

foi depois da chegada de Castor que se somaram à carreira de casebres (...) algumas casas de tijolo e telha vã. Com a construção da oficina, o arruado ampliou-se, cresceu em lugarejo acolhendo novos moradores: pedreiros ajudantes, carpinas e raspa-tábuas. (p. 154)

Imbuído pelo sentimento de independência e liberdade Castor Abduim, representante da raça negra, aquela que simboliza servidão e obediência, em *Tocaia Grande* representa o oposto: a insubordinação à obediência, ao senhor (o co-

ronel). Numa mostra de que os tempos são outros,

recorrera ao coronel Robustiano de Araújo obtendo dele empréstimo indispensável para instalar a forja, mas não lhe pedira conselho nem lhe prestara satisfação. (...) Rompera as cadeias da servidão (p. 153)

Claro está que o sentido de negro em *Tocaia Grande*, muito mais que o da cor (afinal, havia tantos coronéis negros ou mulattos), é o de toda a carga cultural que traz para as terras do cacau: costumes, crenças, hábitos, valores.

O coronel continua a possuir o poder econômico, mas não necessariamente o de mando (pelo menos sobre cada indivíduo) este ele conquista, quando é o caso, pela força. Ou não conquista.

Assim, em *Tocaia Grande* a perspectiva é a do indivíduo enquanto peça somadora da sociedade. A contribuição é, inclusive na dimensão existencial, de valores e solidariedade. Não importa a classe ou profissão; o peso de cada um está na sua dimensão humana, de caráter. A comunidade é, assim, construída em solidariedade.

Dá a formação da nação grapiúna a partir das contribuições culturais de cada um, agora sim, representantes das culturas negra, sertaneja e árabe. Da miscigenação das culturas, somadas a elas as circunstâncias sócio-históricas da região, resulta a cultura do povo do cacau.

Como explica Harnecker, *as ideologias podem conter elementos de conhecimento, porém, neles predominam os elementos que têm uma função de adaptação à realidade. Os homens vivem suas relações com o mundo dentro da ideologia. É ela que transforma sua consciência e suas atitudes e comportamentos para moldá-las a suas tarefas e a suas condições de existência.*¹⁶

É assim que os costumes começam gradativamente a aparecer. Em crescendo, com o crescer do livro, a cada hábito adquirido, a cada novo código instituído surge e toma forma o arraial de Tocaia Grande; surge e toma forma o código de vida da nação grapiúna.

Os comportamentos dos chegantes incorporam-se aos locais, misturam-se, tornam-se aceitos. Os hábitos alimentares dos sergipanos, os costumes religiosos do negro Abduim vão, passo a passo, sendo assimilados. Vai-se então, configurando o sistema de atitudes. Vai-se formando progressivamente a civilização do cacau.

Estendia-se um ilimitado território de roças novas, plantadas recentemente, nos anos que se seguiram à sanguinolenta conquista, às tocaias e aos caxixes. Esses cacauais não tardariam a florir e dar frutos. Aí, então não haveria medida capaz de ferir o ganho e a ganância. Tocaia Grande já não dependia de tropas e de tropeiros. (p. 173)

Do cacau depende a vida. E Tocaia Grande avança em progresso e assimilação de costumes.

Começavam as empreitadas e encomendas. Enquanto isso era preciso festejar o São João para que a vida não fosse apenas o trabalho, a caça, a cachaça, o fuxico e o chamego das mulheres, a lama e a morrinha. (p. 175)

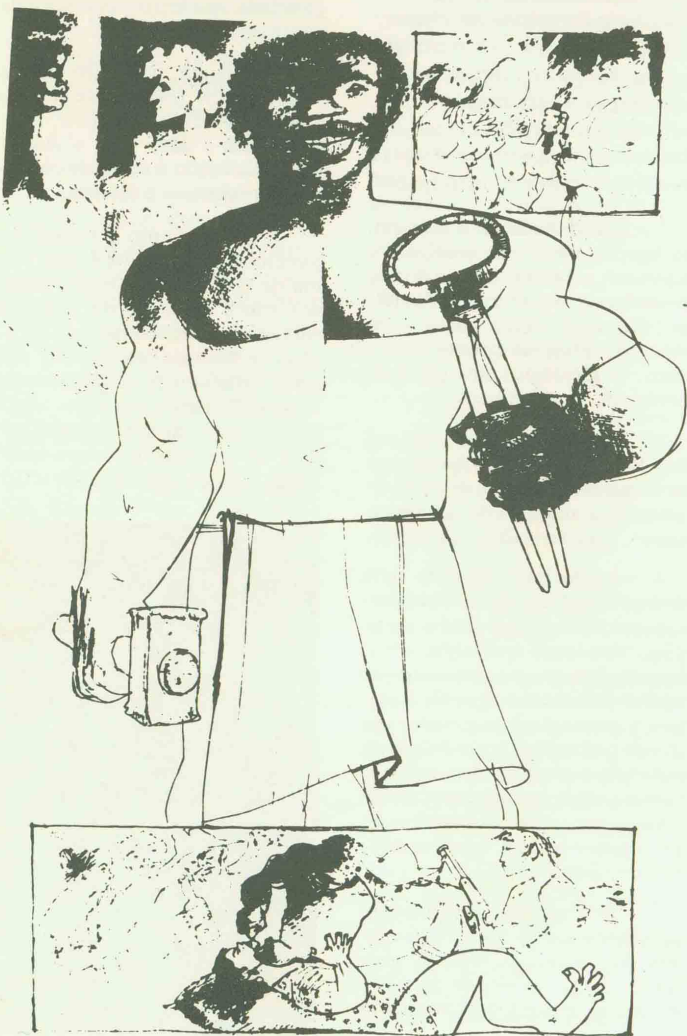


A solidariedade, nesse nível social, substitui o sentido de dominação, da relação patrão/empregado.

Não havia obrigação nem horário de trabalho. Nem feitor nem capataz, nenhum patrão. Se Fadul e Tição orientavam e dirigiam, faziam-no discretamente sem dar mostras e também eles pagavam no pesado. Ninguém mandava em ninguém. (p. 179)

Na fabulação do texto, o surgir da cidade tem como base, portanto, a solidariedade. Nas mais das vezes a tarefa contava com a ajuda coletiva: a troca de serviços era moeda corrente no lugar. (p.211)

A ideologia é a da ajuda mútua, não a da exploração. Esta fica (como pano de fundo) para os coronéis, em verdade os falsos heróis ou os heróis da história oficial.



Na mistura de chegantes a cor não importa; branco, preto, mulato, o prestígio está no poder e na riqueza. A cor é a do dinheiro

naquelas bandas a divisão se fazia entre ricos e pobres: para fazendeiro não passar por branco era necessário ser negro retinto (...) e fazer questão de apregoar a raça. (p. 290)

O período intermédio entre a conquista da terra e a colheita dos frutos de ouro é, assim, o da formação da comunidade. Processa-se a sedimentação dos costumes. Intensifica-se a afluência daqueles que viam um futuro promissor para a comunidade que receberia as sobras do coronel: quando as roças novas começassem a produzir haveria trabalho para todos, o que, conseqüentemente, dinamizaria o comércio e faria progredir a comunidade.

Tocaia Grande cresce simultaneamente com o crescer do cacau. O desabrochar das roças seria o desabrochar do comércio.

Não viam a hora, todos eles. Os olhos se enchiam de cobiça e de esperança. (p. 174)

Região de contrastes com base no econômico, onde riqueza e pobreza determinam as classes de coronéis milionários e de miseráveis alugados; de casas grandes fartas e de casebres de barro (p. 389). Os coronéis ficam ricos de cacau; os pobres, de filhos.

A safra, entretanto, é preocupação de todos: todos eles, os fazendeiros, os alugados, as raparigas e o tocador de harmônica preocupavam-se com a floração das roças, os incipientes bilros nascendo nos cacauzeiros, com o temporão e a safra. (p. 297)

Do sucesso de safra dependiam os seus futuros, as suas alegrias: emprego para os pobres, lucros para os comerciantes, riqueza para os fazendeiros.

A alegria e a dor, a morte e a vida, o amor mais que o ódio, os sentimentos são para a gente grapiúna muito mais ligados à solidariedade, em oposição o que move o coronel é o sentimento de vingança, ciúme, ódio e ambição. A presença dominadora do coronel é sentida de forma quase mítica: por vezes ameaçadora, usurpadora, por vezes protetora.

Na expectativa da safra, a atividade econômica concentra-se no comércio, já que as roças não começaram a botar e, além disso, não pertencem a esses que são os verdadeiros personagens da história. Entretanto intimamente todos sabiam que quando o cacau do coronel começasse a dar fatalmente as coisas mudariam. A ideologia do dominador os esmagaria.

Nesse percurso, as vicissitudes todas (enchente, epidemia, dificuldades) são vencidas em solidariedade, são problemas regionais e a um só tempo universais — tão diferentes e tão iguais (p. 313)

Entretanto, típica da região, bem característica dos seus valores é a lei, sem peias. A lei imposta pela ambição. Na concepção do poder o não servilismo figura a traição. Por isso é que

Venturinha se magoou e se ofendeu com a recusa pois prometera ao cabra, ao Natário do coronel Boaventura, até comissão nos lucros, coisa nunca vista e reprovável na crítica e correta opinião dos fazendeiros. (p. 394)

Para os coronéis traição é punida com vingança e morte. Através da "lei" se realiza a vingança injusta, com o único fito de demonstração de poder.

Com a chegada da safra, com a ambição crescida, outra luta, então, tem início: a luta também ideológica. Aí, ou se luta ou se espera para voltar de mansinho, o cangote baixo, a fim de receber canga e obedecer as ordens do senhor (p. 405).

Dessa forma, é mais mortal a lei do que a peste (p. 406).

Luta, insubordina-se ao poder, quem tem pacto e compromissos com a vida. Um pacto

com o bom Deus dos maronitas, era o caso de Fadul. Ou com a liberdade, era o de Castor. Com a terra ganha com o suor do rosto, no caso de Vanjé. No caso de Coroca, um pacto firmado com a vida. Ou quando alguém, tendo conquistado mando e autoridade, contraiu obrigações e deve ampliá-las. Era o caso do capitão Natário da Fonseca.

Assim é que a ideologia de cada um sustenta a sua luta. São aquelas as pessoas que se insubordinam ao poder; aquelas que não se submetem à ideologia do dominador. Como esclarece Harnecker, são ideologias subordinadas e que sempre triunfam sobre elas, mesmo sob protesto dos explorados, as idéias da classe dominante.¹⁷ São pessoas que, lutando conseguem transformar uma sociedade, ou morrem fiéis à sua proposta de vida.

A Face Obscura é a história da coragem desses verdadeiros heróis, esquecidos pela história oficial. O artista ao assumir tal cos-

movisão busca também desvestir a lei da sua capa de austeridade e a apresenta tal qual é: submissa ao poder, corrupta, vendida.

O que a Face Obscura ressaltava, entre outras coisas, é que a lei das terras do cacau é a do mais forte. Evidência

de um lado covardia e malvadeza, do outro valentia e inteireza; a iniquidade esmagando a liberdade. (p. 415)

O registro oficial, entretanto, é o da versão do poder:

No único jornal da oposição (...) respingavam indignação, vergonha e sangue. Os três diários governistas (...) afirmando que, muito ao contrário, o que se dera fora a imposição da ordem e da lei em remanescente velhacouto de bandidos. (p. 418)

A versão. O acontecido, a face obscura esquecida, escondida, manipulada pelo poder, essa só o artista conta. É o seu resgate.

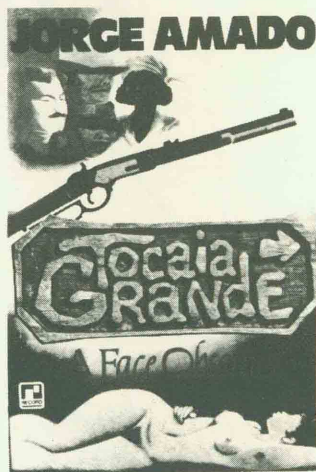
Jorge Amado fecha a sua narrativa mostrando que o progresso que advém à luta é a face luminosa: de alegrias, vitórias, progressos.

A face obscura, a das lutas, dores, trabalho e conquista, essa fica esquecida ou é contada pelo artista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMADO, Jorge. *Terras do Sem-Fim*. 20ª ed. São Paulo, Martins, 1968.
2. ————. *Cacau*. Rio de Janeiro, Ariel, 1933.
3. ————. *São Jorge dos Ilhéus*. São Paulo, Martins.
4. ————. *Gabriela, Cravo e Canela*. 51ª ed. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, Martins, 1975.
5. MARX apud HARNECKER, M. *Os Conceitos Elementares do Materialismo Histórico*. 2ª ed. São Paulo, Global, 1983. p. 105.
6. AMADO, Jorge. *Tocaia Grande: a face obscura*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1986.
7. BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahid e Yara Frateschi Vieira. 2ª ed. São Paulo, Hucitec, 1981. p. 47.
8. HARNECKER. Op. cit. p. 102.
9. Id. Ibid. p. 101.
10. BAKHTIN. Op. cit. p. 47.
11. ALTHUSSER, L. *A Favor de Marx*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p. 233.
12. AMADO, Jorge. *Tocaia Grande: a Face Obscura*.
13. Id. Ibid.
14. HARNECKER. Op. cit. p. 102.
15. Id. Ibid. p. 102
16. Id. Ibid. pp. 102-3
17. Id. Ibid. p. 106.

Maria de Lourdes Netto Simões
é professora titular do Departamento de Letras da FESPI
— Federação das Escolas Superiores de Ilhéus e Itabuna





**SALVADOR
ARACAJU
MACEIÓ
RECIFE
JOÃO PESSOA
NATAL
FORTALEZA
TERESINA
SÃO LUÍZ**

PROJETO NORDESTE DE ARTES PLÁSTICAS

PROJETO NORDESTE DE ARTES PLÁSTICAS

Uma das maiores lacunas existentes entre os artistas nordestinos é a falta de informação do que se produz no próprio Nordeste. Faltam-nos elementos concretos para uma reflexão crítica mais objetiva e uma avaliação do que produzimos e somos capazes de vir a produzir. A valorização das nossas referências culturais reside na atualização dos nossos meios e formas de expressão, pretendendo-se transcender os limites do regionalismo estático, do exotismo ou do meramente folclórico.

A inserção de nossa produção de artes plásticas no mercado nacional e mesmo internacional tem de se iniciar na quebra do nosso isolacionismo, o que significa o autoconhecimento do nosso próprio valor como um todo e a ajuda mútua indispensável entre os próprios produtores de arte, sem jamais descartar as obrigações estatais.

A exceção dos artistas que buscam afirmação pessoal no eixo Rio-São Paulo e se tornaram nacionalmente conhecidos, o que tem predominado é o isolamento entre os diversos estados do Nordeste.

O Projeto Nordeste de Artes Plásticas pretende contribuir com o desenvolvimento da produção de artes plásticas na região, através da realização de exposições itinerantes, palestras, debates, interferências, contatos com associações de classe, edição de uma revista de artes plásticas, publicação de um livro ou livros sobre os artistas plásticos nordestinos.

Inicialmente o projeto será desenvolvido por um grupo de artistas plásticos baianos constituído por: MARCIA MAGNO, JURACI DÓ-REA, JUAREZ PARAÍSO, J. CUNHA, ANTONIO BRASILEIRO, BEL BORBA, MURILO, CESAR ROMERO, SONIA RANGEL, ECKENBERGER, CHICO LIBERATO E WASHINGTON FALCÃO.

A primeira parte do "Projeto Nordeste" será constituído de uma exposição de Artes Plásticas que terá como circuito todos os estados nordestinos. Uma das características desta exposição é a diversidade de expressões criativas, oriundas de artistas tão diferenciados. Deste modo será possível mostrar aos artistas e à comunidade nordestina as principais tendências das artes plásticas na Bahia.

Floriano Teixeira

Rua Ilhéus, 288(33)
Parque Cruz Aguiar, Rio Vermelho
40000 Salvador-Bahia Telefone (071)247-1499



UM GOSTO DE AVENTURA NA BOCA

Por ela não rezo
não juro
Me procuro homem
Quando o sol olhar
pelo batente da janela
terei completos o poema
e o pão

LUGAR-COMUM

Fique comigo enquanto estiver
contigo
Não cometeremos grandes pecados
a muralha da China não será despetalada
nem buscaremos a lua dar ao outro
Estaremos juntos
Pra quê mais?

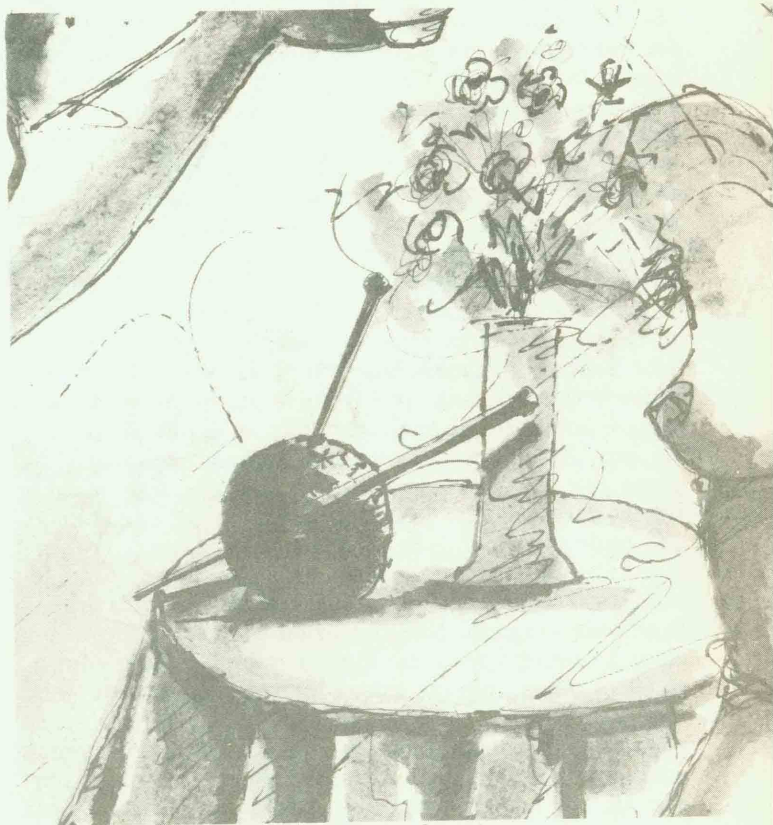
PRIMEIRA IRMÃ

Tricotava num canto da sala. As longas e finas e reluzentes agulhas de metal, mergulhavam e emergiam e se trançavam, ao compasso do ritmo acelerado das mãos ágeis e habilidosas, apesar de sua idade já bem avançada. A cadeira de balanço de vime, ia pra frente e pra trás, pra frente e pra trás, num vai e vem cadenciado e silencioso. De vez em quando ela levantava as vistas dos fios de lã multicores, esparramados em suas pernas, ajeitava os óculos de aro de tartaruga, em cima do nariz e olhava para o tempo, lá fora, através uma enorme janela aberta, de par em par, a sua frente, como que inspecionando a tarde, que escorria mansa e preguiçosa. Interrompia o que vinha fazendo com tanto esmero, descansava a cabeça, já toda alva, no encosto da cadeira, que parava de balançar e ficava olhando o vazio, absorta, alheia a tudo o mais, como se naqueles instantes se encontrasse em qualquer outro lugar, menos ali. Permanecia assim por um bom espaço de tempo. Olhos parados, às vezes, piscando, incomodados pela claridade do sol, olhos olhando o nada. Da última vez em que assim procedeu, antes de retomar o serviço, em que tanto se empenhava, seu olhar vagou e fixou-se na extremidade da sala oposta a sua, aonde estava sentada uma mulher também já bastante idosa, mas não tão velha quanto ela. Aí seus olhos adquiriram um brilho mais intenso, um tanto estranho, misto de vivacidade e malícia, como se, de repente, ganhassem vida nova. Presunçosa, pensou, com ironia e desprezo, e continuou, num tom mordaz e ferino, como se necessitasse abrir-se consigo mesma, os lábios finos e murchos contritos, o cenho todo enrugado, mais franzido que o habitual. Taí a vida que ela quer levar. Aliás, que sempre levou, isso, sim. Refestelada num canto, lendo revista da fotonovela, como se fosse uma mocinha desocupada. Pura senvergonhice! Velha, quando não se dá ao respeito, é nisso que dá. Não tem senso de ridículo. Então não era ela que ia se prestar a um papel desse. Tinha vergonha na cara, isso tinha. Desde pequenininha. E coisa mais importante em que se ocupar também. Afinal, quem cozinhou naquela casa? Quem lavava, quem passava? Pois sim. Precisava mais era de descansar. Só Deus sabe o quanto ela labutou com a doença do falecido, que Deus o tenha. Noites e mais noites sem pregar olhos. Ali, oi, rente na beira da cama. Até banho era ela quem dava, que sacrifício, meu Deus! Mal podia se mexer, o pobre. E ela naquela moleza. Só porque lavava uns dois ou três pratinhos e varria a casa de vez em quando, muito mal varrida, diga-se de passagem, que ela depois tinha que fazer tudo de novo,

dava uma raiva! Já não aguentava mais de tanta dor nas costas, de tanto se levantar e abaixar. E ela ainda pensava que fazia muita coisa. Preguiçosa é o que ela era. Preguiçosa e metida a besta. Antes do falecido morrer, que Deus o tenha, até que ela tapeava um pouquinho. Lavava uns paninhos, umas camisas, umas duas ceroulas dele, mas isso era só pra puxar o saco do falecido, que era somente com essa intenção que ela fazia. E os cuidados com ele? Nhumm, de dar nojo! Quando ele chegava da rua ela corria para dar os chinelos. Quando ele ia sair, lá estava ela com os sapatos. Chegava a dar na vista, ora se dava. Só se ela fosse cega pra não enxergar. E os olhares melosos, os sorrisos de meia-travessa, que ela soltava pra ele? Pois sim. Sua própria irmã, chamegando com o seu marido, bem debaixo do seu nariz! Um verdadeiro sacrilégio! Puro descaramento! Desavergonhada, é o que ela era. Toda cheia de dedos, de aparatos. E quando ele ia tomar banho. quem corria logo pra dar a toalha? Ela. E o baralho, quando ele queria jogar paciência? E o pijama? Uma pouca vergonha, isso sim. Ela que não tivesse ficado de olho não, pra ver uma coisa. Por ele, não, que Deus o tenha. Era capaz de botar a mão no fogo por ele. Homem respeitador estava ali mesmo. Era incapaz de lançar as vistas para outra mulher que não fosse ela, disso tinha certeza. Não lhe deixava faltar nada, nem mesmo um alfinete sequer. Era capaz de advinhar até seus pensamentos. Satisfazia todas as suas vontades, mesmo as mais bobas. Nunca lhe deu o menor desgosto, justiça seja feita. E ela? Conhecia muito bem a peça que tinha dentro de casa. Solteirona encubada, é o que ela era. De tanto escolher, acabou no barricão. Não tinha homem que prestasse pra ela. Um era muito gordo, outro muito magro, aquele era assim, aquele outro era assado... E ela com aquela cara azeda e aquele gênio de cascavel. Qual o cristão que tinha a coragem de se arriscar? Só se não tivesse juízo. Não foi à toa que Deus não deu asa a cobra. E logo ela, que nunca fez mal a ninguém, foi quem teve que aturar a megera. Comida da boa e da melhor, roupa lavada, passada e ainda por cima o marido. Muito desaforo! Desde que ela se casou com o falecido, que Deus o tenha, lá se vai cinquenta anos, bons tempos aqueles, ela se lembrava muito bem, em que se comia de uma sentada, uma lata de doce de goiaba inteirinha, que hoje não se faz mais isso, hoje se passa é fome, mas como ela ia dizendo, desde que ela se casou com o falecido, que se viu obrigada a carregar aquela cruz. No princípio até que ela se comportou direitinho. Toda cheia de cuidados, toda prestimosa com ela não permitia que ela pegasse numa xícara pra colocar na mesa, justiça seja feita. Não, querida, você não pode, vá descansar, pra é que tem sua irmã aqui, dizia a toda hora, correndo e tomando qualquer coisa das mãos dela, uma hora era a vassoura, outra o espanador, até o penico ela fazia questão de jogar fora. Puro fingimento. Só fazia isso pra causar boa impressão nele. Pra se mostrar. Se ela estava pensando que ela era boba, estava muito enganada. Ela fingia que não estava entendendo, mas por dentro estava de olho aberto. Um olho na missa e outro no padre, como dizia sua santa mãe, que Deus a tenha em bom lugar. Depois, ah, depois só Deus sabe. Deu pra se comportar como mulher desocupada. Não tirava as revistas de fotonovela da mão. Não queria outra vida, não sei onde arranjava tanto dinheiro, pra comprar tanta revista. É bem verdade que agora só lê as velhas. Também pudera. A fonte secou. O dia em que eu me danar, toco fogo em tudo. Vá pra o diabo com tanto papel velho, juntando rato. E como é vaidosa, meu sinhô! Cedo já tá de banho tomado, onde já se viu tomar banho quatro horas da tarde, se empoa toda, bota até ruge e batom. Uma pouca vergonha! E os cabelos? Que xamego com aqueles cabelos! É um Deus

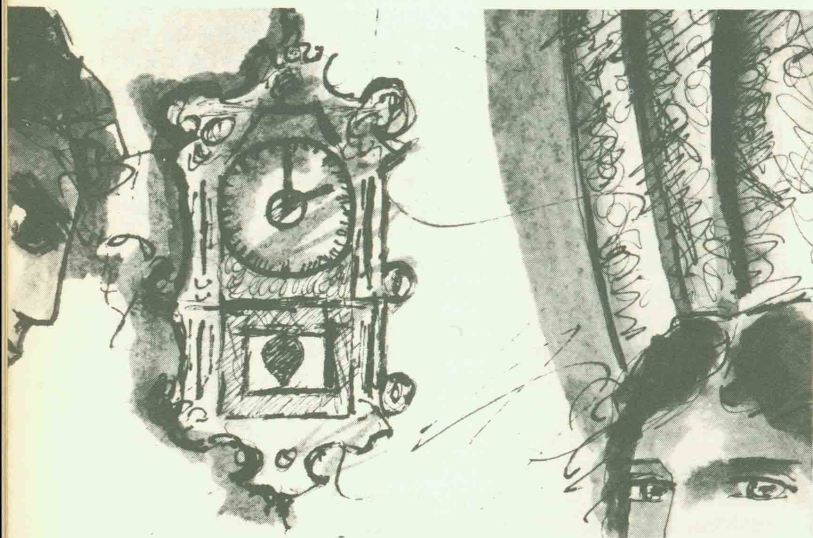
nos acuda. Só porque o falecido caiu na asneira de lhe dizer um dia, na certa com pena dela e só pra ser delicado, sim, porque ele era um homem que sabia ser fino e educado, ela que o diga, um perfeito cavalheiro, caiu na asneira de dizer que ela tinha cabelos bonitos. Pronto, foi a conta. Passa horas e horas na frente de espelho. Escova daqui, escova dali, amarra, desamarra, uma nojeira. E quem quiser que diga nada. Salta com quatro pedras na mão. E é um tal de revirar os olhos, de suspirar... Uma velha de mais de setenta anos! Safadeza! E se ela já não lhe suportava na época do falecido, que Deus o tenha, agora é que ficou muito pior. Mal lhe dirige a palavra. Presunçosa é o que ela é. Se ela estava pensando, que ela se importava, perdia seu tempo. Nem um pouco. E morando em sua própria casa, vivendo de sua aposentadoria deixada pelo falecido! Era muito desaforo! Bem verdade que ela, ultimamente, mal lhe dizia seja o que fosse, mas era só pra revidar. Já tava com quase oitenta anos, muito vividos, graças a Deus, e, pelo menos, merecia algum respeito. Ela que não podia se rebaixar, isso nunca. Se ela quisesse que falasse primeiro.

Tão rápido como iniciara esse diálogo consigo mesma, a velha voltou a concentrar-se na tarefa que interrompera e pôs-se de novo a tricotar, fisionomia serena e tranqüila, verdadeiro contraste com os sentimentos que a dominavam há pouco.



SEGUNDA IRMÃ

Revista aberta, segura com ambas as mãos na altura do rosto, tão junto a ele, que chegava a cobri-lo todo, como se não desejasse ser vista, como se estivesse se escondendo de alguma coisa, dando a falsa impressão de estar vivendo intensamente as cenas e o enredo da história, ela passava página por página, lentamente, pensamento fervilhando idéias, completamente diversas das que fingia prestar tanta atenção. Velha coroca, resmun-



gava para a revista, entre dentes, tomando-a como alguém de sua inteira confiança, uma grande amiga sua, uma sincera e leal confidente. E prosseguiu, à medida que as folhas iam sendo passadas; velha coroca, é o que ela é. Tá pensando que eu não estou vendo seu olhar falso e matreiro, não? Inveja, pura inveja! Nunca pôde ser igual a mim, é isso. Sempre fui mais jovem e mais bonita. Desde os tempos de menina, que ela me inveja, não me suporta. Não sabe fazer outra coisa. Isso era em casa, no colégio, em tudo quanto era lugar. Tá pensando que eu não sei? Sempre teve raiva de mim, por eu ser mais elegante, mais fina, uma verdadeira dama. Lembrava-se muito bem dos bailes e das festas em que iam: ela era a mais solicitada para dançar, não ficava sentada um instante sequer, era do tipo que não esquentava cadeira, os rapazes chegavam ao ponto de arrastá-la à força enquanto a pobre ficava num canto, chupando o dedo. Nunca passou de uma casca grossa. Sempre querendo as coisas que eram dela, sempre. Se ganhava um vestido novo, ela também queria um melhor. Na hora da merenda a maior parte tinha que ser dela. Sempre foi gananciosa. Não sossegava enquanto não tirava o que era dela. Até o noivo ela lhe roubou. Sim, porque Felisberto queria casar era com ela. Todo mundo via isso. Ela, muito da sirigaita, tomou a dianteira. Se jogou pra cima dele, só faltou se entregar, sem nenhum pudor, vergonha que é bom ela nunca teve, e ele, coitado, que poderia fazer? Não teve pra onde correr. Isso ela nunca lhe perdoaria, nunca! Ia levar para a sepultura! Jamais ia esquecer o dia em que o Felisberto teve pela primeira vez em sua casa. Não conseguiu conter a emoção. Foi amor à primeira vista, no duro. E mesmo vendo com os próprios olhos, que ele estava interessado somente nela, não desgrudou do pé dele. Visgo de jaca não teria efeito pior. Uma pouca vergonha! Me diga, o que é que o pobre podia fazer? Duvido que homem nenhum pudesse. Só porque ela era a mais velha e já estava condenada a ficar no barricão, não tinha o direito de fazer isso com ela, não tinha! Acabou de passar a última página da revista, a contra capa, e retornou, mansamente, à primeira, como se fosse ler tudo de novo. Continuou no mesmo tom de revolta: e quando casou, só Deus sabe como, ainda teve o desprazo de convidar ela pra ir morar junto. Ela, é claro, não quis, chegou mesmo a bater pé firme, mas ela só faltou se ajoelhar a seus pés. Que a casa era muito grande, que dava muito bem pra os três, que não queria ficar sozinha, tanto se lamentou e choramingou, que ela, com pena, aceitou. Sempre foi boba pra essas coisas, sempre teve coração mole. Precizada ela nunca foi, tinha muito bem onde ficar. A consciência dela estava pesada, era isso. Aliás, o que ela queria mesmo era lhe explorar. Isso

ela viu logo. Ficava o dia todo de papo pra o ar e ela se matando no trabalho, como sua escrava. Mas foi aí que ela pegou o bonde errado. Ela só aceitou aquela situação, por causa de Felisberto. Só por isso. Sabia muito bem que era dela que ele gostava de verdade. Foi forçado, pelas circunstâncias, a esconder seu verdadeiro sentimento. Só ela e Deus sabiam o quanto isso tinha sido doloroso para ela. E ele, a bem da verdade, "sempre se manteve muito respeitador. Só uma vez ele não conseguiu resistir. Jamais ela ia esquecer aquele dia, jamais. Nem mesmo na hora de morrer. Ficaram os dois sozinhos naquela tarde, coisa raríssima de acontecer, pois ela nunca se afastava de casa, nem pra ir na casa de uma vizinha, na certa pra lhe vigiar, só podia ser, mas quando as coisas têm de acontecer, não adianta, mas como ela dizia, os dois ficaram sozinhos e ele não resistiu e a abraçou com força e a beijou na boca, com verdadeira paixão e ela, fingindo surpresa, a princípio quis se desvencilhar dos braços dele, quis fugir, sim, porque não ficava bem ela se entregar assim de vez, mesmo estando louca de vontade, mesmo sendo o que ela mais queria na vida, e depois dele insistir e insistir, com aquela voz macia e embriagadora, ela não opôs mais resistência e o encorajou a ir mais adiante, abrançando-o e beijando-o, numa reação, até certo ponto, surpreendente para ela, sim, porque jamais ela tinha dado ousadia, para que homem nenhum tomasse aquelas liberdades com ela, mas com ele era diferente, e em dado momento ela se sentiu quase desfalecer, sentiu que ia perder a noção de tudo e sem entender direito o que estava se passando, quando se deu conta já estava deitada na cama com ele, sim, porque ela se encontrava arrumando o quarto, quando ele a surpreendeu, e deitados ficaram por um tempão, um ao lado do outro, ela chegou até tirar um cochilo, de tão entorpecida que estava. Depois, como seria muito natural, ela ficou para morrer de vergonha e evitava o mais que podia olhar ele nos olhos. Só quase depois de um mês é que ela teve coragem de fazer isso. A boboca de sua irmã pensava que ela ainda era virgem, pois sim. Seu próprio marido, que deveria ser dela, se encarregou de fazer dela uma mulher de verdade. Ele, diga-se de passagem, também ficou muito envergonhado, pois nunca mais tentou uma segunda vez, por mais que ela se insinuasse. Homem de respeito estava ali mesmo. Ela se conformou a viver sonhando acordada e esses sonhos foram a razão de toda a sua vida. E se já o amava passou a ter por ele verdadeira adoração, pois jamais pagaria todo o bem que ele lhe fez. E nem um filho a incompetente deu a ele. Nem um filho! E ele vivia dizendo que era doido por crianças. Se ele tivesse se casado com ela, com certeza isso não teria acontecido. Só Deus sabe o quanto ele sofreu nas mãos dela, só Deus sabe. Gênio de cobra! E o mau humor? Puro histerismo, isso sim! Quando levantava com o pé esquerdo, saísse de baixo. Nesse dia nem a comida aprontava. Já tinha perdido a conta das vezes em que tinha ido pra beira do fogão, pra preparar alguma coisa pra ele comer, porque ela ficava na dela, queixando-se de enchaqueca. E ele, coitado, não reclamava um tantinho assim. Mas, como um cordeiro. Era incapaz de levantar a voz pra ela. Também pra quê? Pra ela saltar com quatro pedras na mão? No mínimo, adoeceu de desgosto, foi isso. Foi definhando, definhando, até morrer, o pobre. E depois que ele morreu, que Deus o tenha em bom lugar, e só podê mesmo é estar, pois todas as noites, sem faltar uma sequer, ela não dorme sem rezar um terço inteirinho pra ele, só não faz ir no cemitério, pois já não tem idade pra isso, pra sair sozinha por aí, mas quando ela era mais moça, não passava um aniversário dele, que ela não fosse depositar umas flores no seu túmulo. E a preguiçosa o que foi que fez? Danou-se a fazer tricô. Não

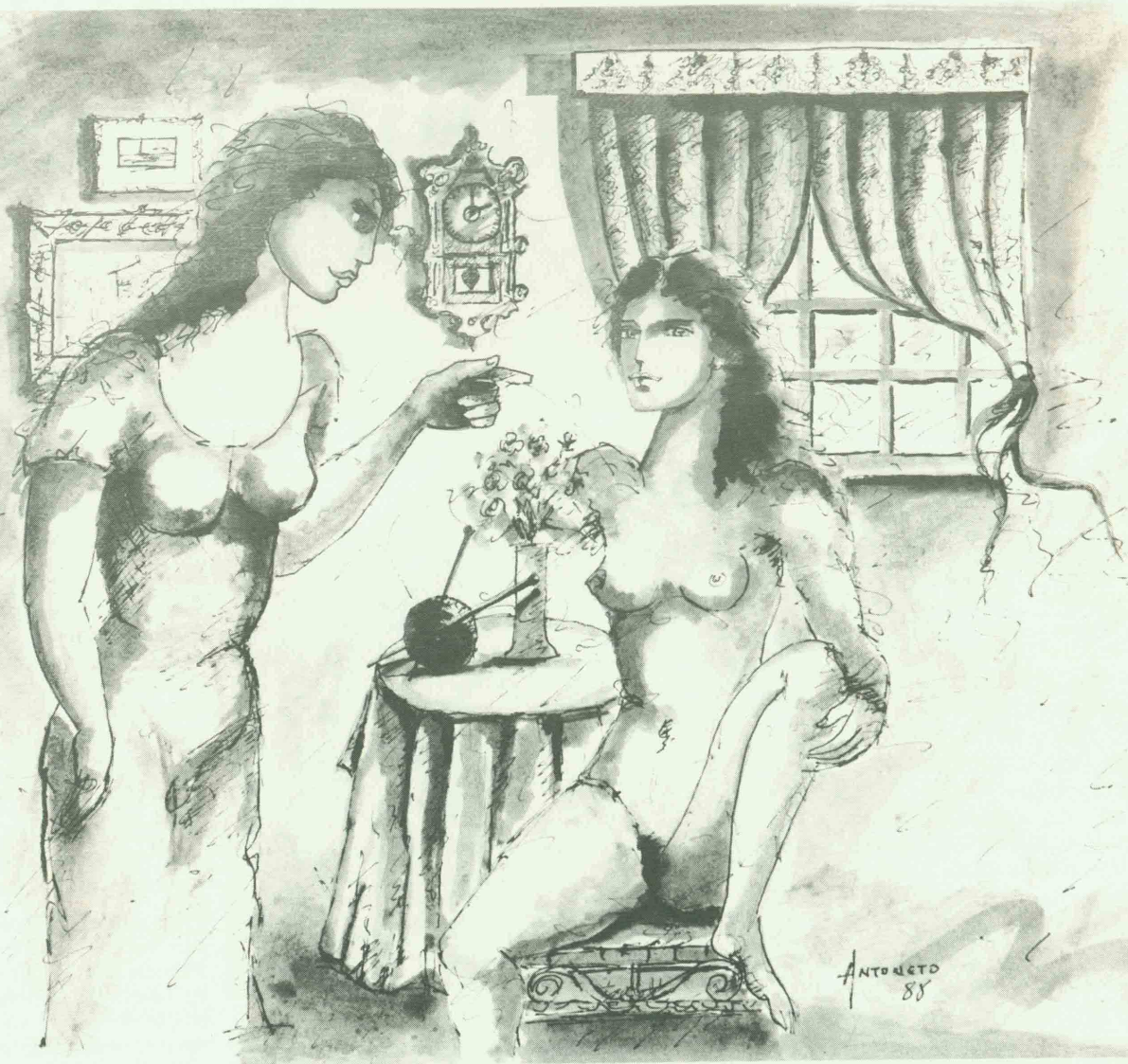


Ilustração de Antoneto

quer outra vida. É um tal de fazer meia e casaquinho que não acaba mais. Vive dizendo que vai dar aos pobres do asilo, porque ela mesmo vai acabar um dia por lá. É bom. Só assim paga metade dos pecados. A velha deu um muxoxo de deboche, como fazendo pouco caso, arriou a revista fechada sobre as pernas, encostou a cabeça no espaldar da cadeira e ficou a olhar o tempo a sua frente, com um ar de beatitude, semblante próprio de quem estava em paz consigo e com Deus.

AS DUAS IRMÃS

A sala estava mergulhada na penumbra. O janelão aberto deixava entrar a aragem fria da noite, que não tardava. A segunda irmã fixou o olhar na primeira e pareceu retornar à vida, como num passe de mágica, como se despertasse, de repente, de um sono leve e tranquilo. Arregalou os olhos, como se tivesse se assustado com alguma coisa, levou uma das mãos à cabeça, num misto de preocupação e temor, levantou-se o mais que depressa e foi em direção da irmã, dedo em riste, como se ralhasse com uma criança travessa, mas de maneira

afetuosa e maternal: oh, sua desmiolada, pegar no sono com essa janela aberta, e a essa hora! Que frio que está fazendo! Quer pegar um resfriado, quer? Parece uma criança sem juízo... Não sei o que seria de você sem mim, não sei... Disse isso e fechou incontinenti a janela, acomodou-se numa cadeira junto a irmã e, com verdadeiro zelo de mãe, evitando despertar o filho que acabara de pegar no sono, retirou primeiro as agulhas, depois os fios de lã, das mãos inertes da mulher, que ressonava, cabeça apoiada, de lado, sobre o ombro esquerdo, e que com a interferência da irmã, demonstrou que sentira o fraterno contacto de sua presença, pois seus lábios sorriam, um sorriso leve de ternura e gratidão. A segunda irmã recostou a cabeça no encosto da cadeira em que estava sentada e pôs-se a balançar a cadeira da irmã, pra frente e pra trás, pra frente e pra trás, embalando o seu sono, fazendo coro com o tic-tac do grande e secular relógio de parede.

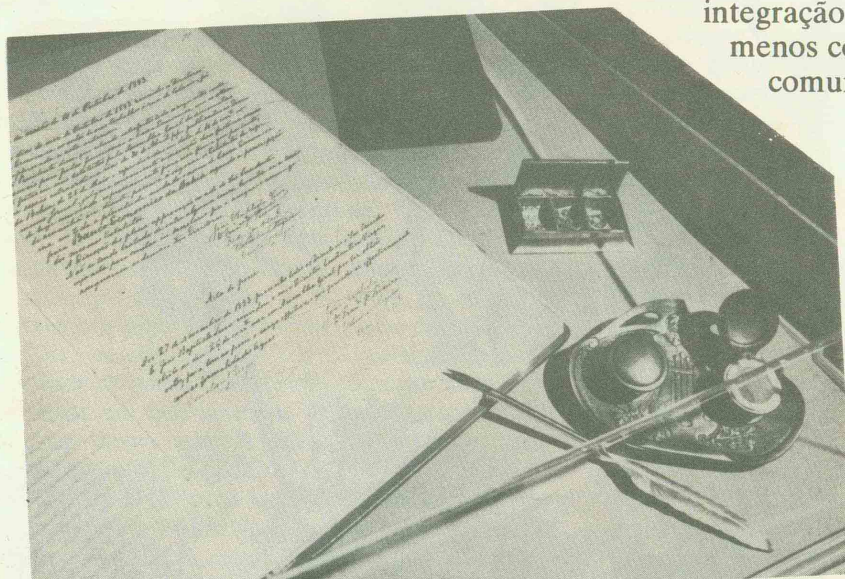
Orlando Pereira dos Santos é baiano de Salvador. Contista, publicou Sol do Meio Dia e a história infanto-juvenil, O Mistério da Ilha dos Coqueiros.

Antoneto nasceu em Saúde, Bahia. Pintor, além da criação de painéis públicos e ilustrações para livros, realizou exposições em Salvador, Rio, São Paulo, Recife e Pensilvânia.

Museu Eugênio Teixeira

— Essa nica serve?

Tal pergunta costuma sensibilizar os funcionários do Museu Eugênio Teixeira Leal, mantido pelo Banco Econômico, no Pelourinho. E com razão: ela é feita com relativa frequência pelos garotos pobres do bairro (entenda-se aí Maciel, Carmo, Taboão, Pelourinho...) toda vez que encontram em casa ou na rua alguma moeda antiga. É a forma possível de colaboração com este museu novo, mas que busca uma integração com a comunidade da área, pelo menos considerando o seu segmento mais comunicativo e espontâneo: as crianças.



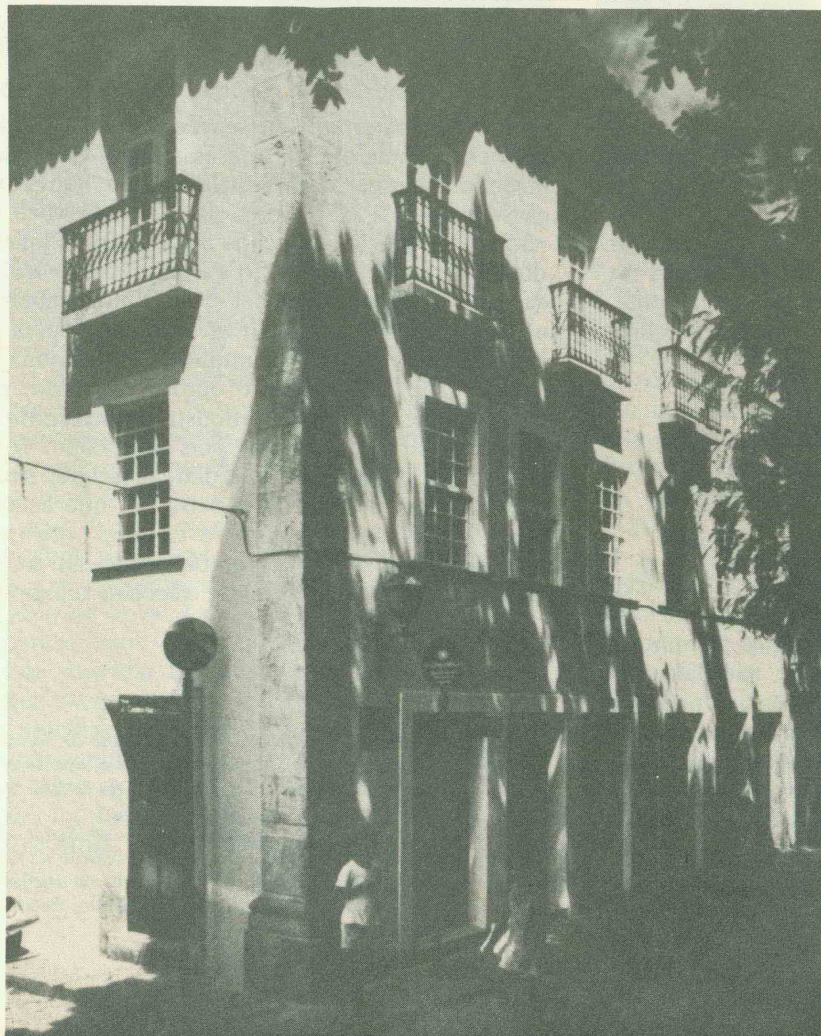
Acompanhadas de professores, elas costumam invadir o museu com animação e curiosidade. Trata-se de uma visita didática, programada com frequência sob o título de *Museu Escola*. As crianças percorrem todo o prédio. Entram em contato com moedas seculares, condecorações do Império e conhecem um pouco da história do primeiro banco privado do país: o Econômico. De quebra, circulam por uma réplica de agência bancária (no térreo do Museu), onde preenchem cheques fictícios e até simulam operações de desconto no caixa.

A *Museu Escola* é uma das atividades bem sucedidas do Eugênio Teixeira Leal. Existem outras, como o ciclo permanente de palestras de cunho histórico-cultural; a edição de livros e documentos (*agora mesmo o Museu prepara um levantamento sobre todas as entidades culturais existentes no Centro Histórico de Salvador*); a promoção de cursos e seminários e a realização de exposições temporárias sobre temáticas diversas.

Tem sido assim desde 1984. Foi quando o velho sobrado da Rua do Açoguinho (alcunha popular da Rua J. Castro Rabello) adquiriu ares mais imponentes. As paredes ganharam pintura amarela. As dezenas de portas e janelas externas ficaram novas em tom verde musgo. Uma fachada que conservou fielmente as características originais do prédio. E se o mesmo não aconteceu com o seu interior deveu-se a impossibilidades técnicas. Além do mais, para funcionar como centro de cultura algumas alterações se fizeram necessárias. O fato é que o Eugênio Teixeira Leal inaugurou uma nova era no Pelourinho, como orgulhosamente explica um dos seus diretores, o professor e historiador José Calazans:

— O Museu foi uma das primeiras instituições particulares nessa área histórica. Representou uma atitude pioneira dentro do trabalho de revitalização do centro de Salvador.

Em nome desse pioneirismo, teve dificuldades para marcar sua presença na área. Aliás, as dificuldades continuam, apesar de já ter se conseguido muito num traba-



Leal

JOSÉ ANTONIO
MORENO

lho de popularização da casa. Não é exagero dizer que o Eugênio Teixeira Leal tem o seu público. Que tanto pode ser as crianças do programa *Museu Escola*, como intelectuais, profissionais liberais e estudantes que são atraídos pelas palestras e exposições realizadas. *Estâmos chegando lá*, afirma o professor José Calazans, espécie de consultor do Museu para todos os seus eventos e realizações, além de um dos principais idealizadores de sua criação, em 1984.

1984. O ano não foi escolhido por acaso. Uma associação com o sesquicentenário de fundação do Banco Econômico. E que por extensão nos leva ao distante 1834. Cenário: a Bahia do tempo do imperador. Ação: cerca de 170 cidadãos se dirigem à Rua do Açouguinho e entram no sobrado pertencente ao tenente-coronel Manoel Almeida Sandes. Lá fazem a histórica reunião que daria origem à Caixa Econômica da Bahia, futuro Banco Econômico.

A Caixa, na verdade, não funcionou no velho sobrado da Rua do Açouguinho, como muitos pensaram. Mas o prédio adquiriu um valor sentimental muito grande por ter sido o local onde se discutiu o nascimento do Econômico, daí a escolha para sede do Museu, batizado de Eugênio Teixeira Leal em homenagem aquele que foi um dos seus diretores de maior expressão, além de um eterno incentivador da cultura baiana/nacional.

O Museu é hoje um memorial do Banco Econômico. Percorrendo suas instalações tanto é possível encontrar uma prensa-copiadora de cartas comerciais, usada pelas agências no final do século, como o cofre forte da primeira agência do Econômico fora de Salvador, a de Vitória da Conquista. Encontra-se também uma réplica do balcão da agência-matriz do Banco, idos de 1928, e vários móveis do gabinete de Eugênio Teixeira Leal.

O acervo não se restringe a objetos históricos. Há uma sala com fotografias da época de inauguração da primeira sede própria do Econômico (o Edifício Nobre, no Comércio), livros pertencentes a extensa biblioteca de Inocêncio Calmon e cartas escritas por Miguel Calmon dos seis anos de idade até pouco tempo antes de sua morte. São documentos que, antes de contarem a história do Banco Econômico, contam a história da Bahia, especialmente no que diz respeito aos seus fatos econômicos.

Aliás, formar uma biblioteca especializada na história econômica da Bahia é um dos objetivos do Museu. E que vem sendo levada à frente juntamente com a promoção de diversas palestras e seminários com esta mesma intenção. Com o auditório da casa

sempre lotado, professores, historiadores, economistas, administradores e outros profissionais tem levantado questões fundamentais para a compreensão da evolução da Bahia em termos comerciais/empresariais/culturais.

— O saldo dessas palestras é altamente positivo, avalia o professor José Calazans, dizendo que nessas ocasiões atesta a fidelidade do público conquistado pelo Museu. *São pessoas que acompanham com interesse todas as nossas promoções e já entenderam que o Centro Histórico de Salvador pode funcionar como pólo cultural. Ninguém fica constrangido por vir aqui. Afinal, aqui é um lugar que se pode vir. Por que não? Acho que, aos poucos, o centro de Salvador está voltando a ser o que era antes.*

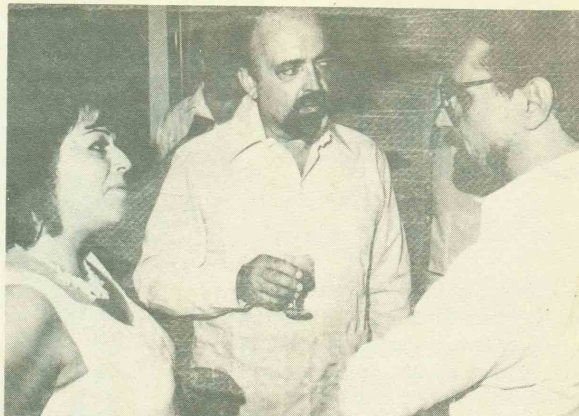
Mas além do público fiel que acompanha as palestras, o Museu também passou a lidar com o público esporádico — aquele que se interessa pelas diferentes exposições realizadas no seu interior. Atualmente, por exemplo, o Museu colocou em cartaz uma mostra de cédulas de países africanos, uma coleção de Renato Berbert de Castro que vem sendo admirada pelo seu colorido e exotismo.

Em caráter permanente, o Eugênio Teixeira Leal mantém exposições de medalhas, moedas e condecorações. Nelas, um observador atento não deixa escapar preciosidades como a Ordem das Rosas, uma comenda criada por D. Pedro I para destacar personalidades fiéis ao Império e que tem origem na personalidade romântica do imperador, como descreve em detalhes um livro da própria biblioteca do museu.

— Ao avistar a Imperatriz Amélia que desembarcava com um lindo vestido de gaze branca salpicado de rosas meio abertas, veio-lhe incontinentemente ao espírito exagerado e cavalheresco a idéia de constituir mais uma ordem, batizando-a com uma das qualidades de que menos era capaz — a fidelidade.

José Antonio Moreno é jornalista, tendo sido criador e editor do caderno Revista do Jornal da Bahia.

Após o I Congresso de Literatura Latino-Americana, realizado em Brasília, quando durante o evento foi entregue a Jorge Amado a medalha Pablo Picasso, uma delegação da UNESCO veio especialmente a Salvador conhecer as instalações e funcionamento da Fundação Casa de Jorge Amado. Na foto, dia 22 de abril, Fernando Ainsa, Coordenador do Setor de Informação ao Público da UNESCO.



Em vinda oficial ao Estado da Bahia, dia 16 de maio, o embaixador francês M. Philippe Covillier visitou a Fundação Casa de Jorge Amado.



O Departamento de Pesquisa e Documentação já conta atualmente com cerca de 4000 correspondências e 9000 recortes tecnicamente preparados sobre o acervo de Jorge Amado e da literatura baiana. Durante os meses de março e abril, este setor realizou trabalhos de levantamento de dados sobre: ilustradores da obra de Jorge Amado; o romance Gabriela, visando a comemoração dos 30 anos de sua publicação; o filme "Tenda dos Milagres". Na parte de pesquisas, a "Vida e Obra de Jorge Amado", por alunos do 2º grau da Escola Técnica Federal da Bahia; "Referência bibliográfica das teses, dissertações, e críticas sobre a obra de Jorge Amado", por Eduardo Duarte, de São Paulo; "Dados sobre Seara Vermelha", por Giovanni Bianco, da Itália; e Anton Foek, do Rio de Janeiro, "Livros de Jorge Amado traduzidos para o Holandês".

PROGRAMAÇÃO

Em maio, de 9 a 20, às 14h30min exibição compacto do vídeo *Tenda dos Milagres*, baseado no romance de Jorge Amado, com adaptação para tevê de Aguinaldo Silva e Regina Braga, direção de Paulo Afonso Grisolli, com Nelson Xavier, Oswaldo Loureiro, Milton Gonçalves, Tania Alves, Dudu Moraes.

Com obras atuais de Aldemir Martins, Anna Letycia, Calasans Neto, Carybé, Carlos Bastos, Floriano Teixeira, Frank Schaeffer, Glauco Rodrigues, Iberê Camargo, Jenner Augusto, Mário Cravo Júnior, Poty, Renina Katz, Scliar, de 14 a 24 de abril, no Escritório de Arte da Bahia foi realizada a exposição *Os Ilustradores de Jorge Amado*.

De 12 a 14, das 9 às 12h, Jornada de Bonecos da Bahia, em conjunto com a Aliança Francesa, com apresentações e mesa redonda sobre o teatro de Boneco da Bahia.

De 16 a 20, em tempo integral, Curso de Elaboração de Projetos Culturais para diretores dos Centro de Cultura do Estado da Bahia. Promoção em conjunto com a Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Dia 26, às 17h, palestra de Ricardo Chema Chermes sobre o texto *A Biblioteca de Babel*, de Jorge Luis Borges.

De 30 de maio a 3 de junho, às 17 horas, a Fundação Casa de Jorge Amado e a Academia de Letras da Bahia, com a participação do Instituto de Letras da Universidade Católica do Salvador, promovem o **Seminário 50 Anos de Vidas Secas**. Na programação: depoimento de Heloisa Ramos, palestras de Pedro Moacir Maia, "Introdução e Vidas Secas: Gênese, Motivos, Composição"; Leticia Malard, "As Relações Familiares no Romance Vidas Secas"; Edilene Matos, Ivia Alves, Florentina Souza, "Três Leituras de Vidas Secas"; Wilson Lins, "Fabiano e Sua Gente"; e José Carlos Garbuglio, "Graciliano Ramos: Forças e Formas de Violência". Durante o evento, exposição sobre a Vida e a Obra de Graciliano Ramos na Academia de Letras da Bahia.

Em junho, de 6 a 10, às 14h30min, exibição do vídeo *Anarquistas Graças a Deus*, do Livro de memórias de Zélia Gattai adaptado para a tevê por Walter George Durst, direção de Walter Avancini, com Ney Latorraca, Débora Duarte.

Dia 30, às 17 horas, na Fundação Casa de Jorge Amado, palestra de Julio Braga, autor do livro *O Jogo de Búzios* sobre o tema título da publicação.



A Fundação Casa de Jorge Amado está aberta ao público, com exposição do acervo documental e artístico do escritor Jorge Amado, de segunda a sexta das 9 às 18 horas.

Caderneta da Caixa

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Esta é a maior, melhor e mais segura caderneta de poupança do País.

A DOW DÁ A FICHA COMPLETA

Tudo que você quiser saber sobre as Empresas Dow está no telefone (011) 546-9704, Assessoria de Imprensa. Somos uma empresa aberta e dar acesso às informações é a maior homenagem que se pode prestar à Imprensa.

As Empresas Dow produzem e comercializam, no Brasil, produtos químicos e plásticos para a indústria de transformação, defensivos agrícolas e produtos farmacêuticos.



MCAN

Dow *Empresas Dow*

Rua Alexandre Dumas, 1671 - CEP 04717 - Telex 1122162 - São Paulo - SP

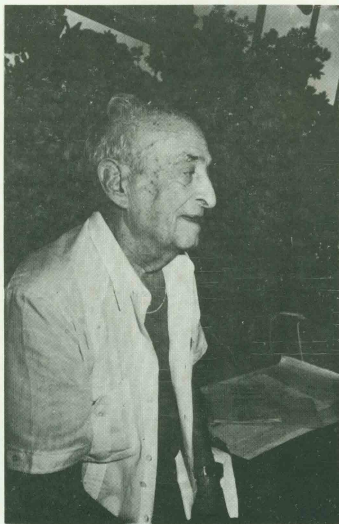


CARYBÉ

Hector Julio Páride Bernabó. Dito assim, muitos poderão não saber de quem se trata. Mas, ouvindo dizer, Carybé, podem ter certeza, poucos deixarão de lembrar de alguma de suas pinturas, murais, desenhos, esculturas, gravuras, painéis, ilustrações, através dos quais, como afirmou o crítico Geraldo Edson de Andrade *ele captou com a maestria do seu traço usos, costumes, gentes, principalmente a sensualidade e a malemolência baianas. Carybé é a arte brasileira numa das suas maiores expressões, na exaltação do povo da Bahia.*

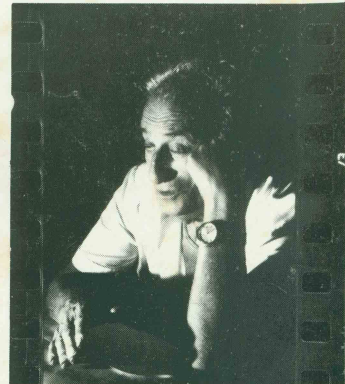
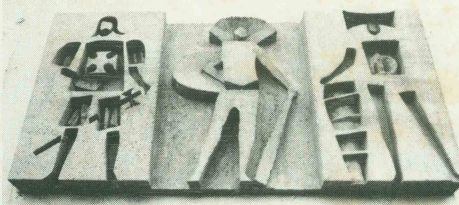
Em sua biografia constante em catálogos, Carybé teve como local de seu nascimento, Lanus, um subúrbio de Buenos Aires, Argentina, em 9 de fevereiro de 1911, tendo feito seus estudos primários em Gênova e Roma, secundários no Rio de Janeiro. Ainda segundo este seu currículo, viajou demoradamente pela América do Sul — Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru — desenhando ou pintando, para fixar-se em 1950 na Bahia, onde vive presentemente com Nancy, sua esposa e dois filhos. Mas esta é a versão oficial. Para Jorge Amado a história é outra, e tudo isto tem o evidente intuito de confundir críticos de arte e enrolar biógrafos...

Vejam as cenas da vida pobre e popular da Bahia — as choupanas entre coqueiros, o povo nas 'invasões', ao longe o mar sem igual no mundo, o mercado tão cheio de cor e movimento — e se darão conta de que alguém capaz de assim pintar a Bahia com tamanho conhecimento e tão extremado amor não poderia fazê-lo por mais talento que possuísse, se não houvesse ali nascido!



Não para dirimir dúvidas ou esclarecer seu registro civil ou a poesia que o envolve, vejamos a trajetória de Carybé por sua própria voz. Eis o relato: *Da Itália, com oito anos descobri o Brasil. O Rio. Daí fui para Argentina e fiquei por lá. Depois voltei a viajar. Em 38 vim a Salvador porque tinham fundado um jornal e me deram o melhor emprego do mundo — viajar e mandar desenhos. Mas quando cheguei a Salvador, o diário tinha falido. Fiquei por aqui seis meses, vivendo numa miséria, mas uma miséria sem drama. Bastava mandar uma carta para o Rubem Braga no Rio que ele mandava a passagem. Mas fiquei curtindo. Como não conhecia ninguém importante acabei dormindo num trapiche no início da Avenida do Contorno. Assim foi até o momento em que disse: chega. Mas aí ficou a Bahia na cabeça. Voltei em 40, em 42, e sempre o negócio de Bahia. Meus amigos já estavam cheios, e Rubem, um dia, fez uma carta para Anísio Teixeira, ele era Secretário de Educação e Cultura, e me disse: vai ver esse homem que ele vai lhe dar um emprego na Bahia. Olhei a carta e fiquei morrendo de vergonha de tanto elogio que ele fazia. Aí vim. Entreguei a Anísio. Ele leu e disse que vamos ver, estou fazendo umas escolas, uma espécie de universidade popular e gostaria de fazer um painel e aí tenho um recorte de uma ilustração sobre a Bahia. Mandou a secretária buscar. Não tinha mais assunto quando a secretária voltou, e era um almanaque que eu tinha feito. Aí pronto. Ele me disse: você vem para o ano e vamos arranjar. No dia 31 de dezembro embarquei, cheguei dia 1º de janeiro. E ele: como agora? É um negócio lá para o meio do ano. Era 1950. Já que estava aqui, fiquei. Fui me virando. Fiz um trabalho para Odebrecht, que estava começando, um álbum de obras, e... Encurtando a conversa, Carybé é desde 1957 naturalizado baiano, isto é, legalmente cidadão brasileiro, e em 1963, ganhou o título de Cidadão de Salvador, em 1976, Cavaleiro Grão-Mestre da Ordem do Mérito da Bahia, em 1982, Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Bahia. Somando-se a todos estes, o de Obá do Candomblé Axé-Opô Afonjá. Alguém mais baiano? Se restar alguma dúvida esta agora fica pertencendo ao bairro que nasceu, já que dele dizem ser um ximio tocador de berimbau, um cantor de sambas de rodas, um frequentador dos mercados, um ofertante de Yemanjá, um devoto da pimenta e do dendê, além de outras façanhas ou vivências.*

Esquecendo a naturalidade, passemos para o trabalho. Dele é esta declaração: *Gosto de gente, de bichos, da terra. Cada coisa tem uma linguagem própria, através da qual pode ser expressa. O mural, a pintura a óleo ou tempera vinil, tudo são formas para fixar meu trânsito por este mundo. Consideremos 1950 o marco. Vivendo, trabalhando e expondo já na Bahia — Salão Bahiano de Belas Artes, Anjo Azul, murais em Centros Educacionais, Carybé, conjuntamente com outros artistas, renova a arte baiana.*



Anteriormente, aí está o começo, faz mostras desde 1940 no Museu Nacional de Belas Artes de Buenos Aires; ganha o 1º prêmio do "Salon de Aquarelística Grabadores", Buenos Aires, 1943; Instituto dos Arquitetos do Rio de Janeiro, 1945; Pan American Union, Washington, DC, Estados Unidos, 1948. Depois? A lista é muito grande e por vários países. Vamos ficar nos prêmios, e nos mais importantes. 1º de desenho da III Bienal de São Paulo, 1955; participação na XXVII Bienal de Veneza, 1956; I Bienal de Artes Plásticas, Bahia, 1966; Sala Especial na XI Bienal de São Paulo; medalha de ouro na I Exposição de Belas Artes Brasil — Japão, 1973. No mais é dizer que seus murais estão espalhados pelo mundo — Aeroporto Kennedy, New York; Galeão, Rio de Janeiro; 2 de Julho, Bahia, cidade esta que suas obras se espalham por edifícios e monumentos nos seus quatro cantos. Em São Paulo vamos tê-lo no Banco Sudameris, Itaú, Teatro Brasileiro de Comédia. Recife, na Fábrica Willys. No Rio, Hotel Nacional, Edifício do BNH, Rádio Jornal do Brasil. Londres, Fleurs Cowles, e na Argentina. Ou que seus trabalhos pertencem a coleções dos Museus de Arte Moderna de New York, São Paulo, Bahia, Arte Contemporânea de Lisboa, Rade de Hamburgo — Alemanha, Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal. Ou que suas ilustrações, além de álbuns preciosíssimos como "As Sete Portas da Bahia", "Iconografia dos Deuses Africanos no Candomblé da Bahia", percorrem páginas das obras dos mais importantes autores da literatura mundial como Jorge Amado, Gabriel Garcia Marques, Rubem Braga, e que este trabalho inclui como pioneiro "Macunaima" de Mário de Andrade.

Quem pensa que as coisas ganham uma pausa, equivoca-se. Com vigor e invenção, Carybé não pára. *Trabalho das seis da manhã às oito da noite, e pode ser domingo, feriado, carnaval. Dou minhas voltas, mas minha vida é toda voltada para o trabalho. Comprovar se torna tarefa fácil. Agora, abril de 1988, sua obra tem uma retrospectiva em Buenos Aires — 78 pinturas, 78 desenhos, 24 esculturas, 15 gravuras, reproduções de ilustrações para livros e murais —; ilustra o mais novo livro de Jorge Amado para a Editora Record; chega mais perto de completar uma centena de murais ao estar fazendo o 92, com os três que executa para compor o Memorial da América Latina em São Paulo; e desenha os figurinos para a nova versão do filme 'Os Cangaceiros'. Assim, seja como pintor, desenhista, gravador, escultor, muralista, ilustrador, cenógrafo, figurinista, Carybé realiza com sua obra, como afirma Jorge Amado no livro 'O Capeta Carybé' uma recriação da Bahia em sua verdade completa: a paisagem e o povo. As emoções, os sentimentos, os hábitos, a dor, a alegria, a miséria, a tristeza, a luta, a esperança, o drama, a solidão e a festa, a mistura imensa e decisiva. Com isto levou a Bahia mundo afora, reproduzindo-lhe a beleza e o gênio. Podemos vê-la nos quatro cantos do universo.*

